



Jornal

UNIVERSITÁRIO

N.º 3

RECIFE — NOVEMBRO — 1976

ANO IX

ÓRGÃO
DA
UFPE

CIÊNCIA COMPROVA: SONHAR É MAIS IMPORTANTE QUE DORMIR



A ciência já admitiu, depois de muitas relutâncias, que o mais importante no dormir não é propriamente o sono, e sim, o sonho. Coube a Freud, no entanto, o pioneirismo no estudo e interpretação do sonho, contrariando inclusive a posição de especialistas das ciências médicas, sobre o assunto. Não é por acaso, portanto, que o pensador francês Jean Duvignaud propôs, no Recife, a criação de "um banco de sonhos", idéia que tem merecido a atenção de estudiosos e até mesmo do povo, em todo o Brasil. (pág. 2)

Fato pouco auspicioso: ingresso feminino na ABL

Depois de várias décadas da manutenção do veto contra a presença feminina, a Academia Brasileira de Letras acaba por admitir, finalmente, o ingresso nas suas fileiras de imortais, das mulheres que já têm posição de destaque na literatura. Para surpresa de muitos, houve escritoras, como Clarice Lispector, que não deram a mínima para tal abertura, tendo Clarice salientado, em termos de ironia, que "jamais perderá a sua condição de mortal". (página 8)

Jarbas Maciel analisa tomismo

O Professor Jarbas Maciel, que acaba de reassumir suas atividades como docente da Universidade Federal de Pernambuco, depois de algum tempo de afastamento, está escrevendo uma "Introdução à Teoria e à História da Ciência", que contém um capítulo sobre a Lógica no Brasil, na qual faz ampla análise do pensamento de São Tomás de Aquino. (pág. 6)

Preço
Cr\$ 2,00

EMPRESA PROCURA JUSTIÇA

A implantação de uma Empresa Comunitária, dentro de uma estrutura sólida, é o caminho apontado pelo I Seminário de Estudos Comunitários, através do qual se somariam forças com vistas à construção de uma sociedade mais justa e humana. (páginas 4 e 5)

SONHO, UMA FACE DA VIDA

Recentemente, esteve no Recife o Professor francês Jean Duvignaud, sociólogo e antropólogo de grande conceito em seu País. Duvignaud, que veio a convite do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, proferiu nesta cidade uma série de conferências sobre o "Imaginário" e mostrou a importância dos sonhos como forma de expressão cultural das comunidades. Para ele, os sonhos, além de sua importância terapêutica, valem pela criatividade simbólica que apresentam. Diante disso, o Professor sugeriu a criação, no Recife, de um Banco de Sonhos, o que já está sendo feito pelo IJNSP. Qualquer pessoa interessada pode remeter um relato dos seus sonhos para o Instituto, onde serão apreciados e arquivados.

Desde a Antiguidade, os sonhos têm intrigado a curiosidade humana, inspirando as mais controvertidas teorias, como a de Binz, para quem são nada mais que "processos somáticos em todos os casos inúteis e, em muitos casos, positivamente patológicos". Para Binz e outros autores médicos, os únicos indutores de sonhos são os estímulos sensoriais que ou se chocam com a pessoa adormecida vindos de fora ou se tornam acidentalmente ativos em seus órgãos internos. Contra este ponto de vista, existe o daque-

les que crêem ser a atividade onírica uma libertação do espírito do poder da natureza externa, uma liberdade da alma das amarras dos sentidos: o espírito se desliga do corpo e ingressa no outro mundo.

Enquanto para alguns neurofisiologistas a vida onírica é explicada como a atividade desconexa de órgãos separados ou grupos de células num cérebro sob outros aspectos adormecido, uma atividade forçada por estímulos fisiológicos, para a opinião pública existe a crença de que, apesar de tudo, os sonhos possuem um significado, que se relaciona com a predição do futuro e pode ser descoberto por algum processo de interpretação de um conteúdo que é amido confuso e enigmático.

Por pouco científico que possa parecer, Freud iniciou verificando que a visão mais próxima da realidade não era a opinião médica vigente em sua época, mas a popular. Chegou a esta conclusão quando tentou aplicar os métodos da psicanálise na explicação da atividade onírica, tentativa, aliás, coroada de êxito, pois foi a partir dela que Freud escreveu sua obra-prima, A Interpretação de Sonhos, publicada em 1900 e chamada "a mais estranha autobiografia ja-

mais escrita", porque o autor analisa, na maior parte, seus próprios sonhos.

Freud, porém, acreditava que um dia a ciência teria condições de explicar os processos psíquicos com base no funcionamento eletroquímico do cérebro. Esse dia ainda não chegou, até agora não se elaborou nenhum atlas da anatomia do cérebro que permitisse transpor o abismo existente entre os acontecimentos eletroquímicos processados na nossa cabeça e os pensamentos e sentimentos que experimentamos na nossa vida diária. O cérebro em ação parece ser uma tarefa que ainda exigirá muito estudo dos cientistas. De qualquer forma, as descobertas vão sendo feitas.

Assim, pesquisas recentes confirmam a teoria de Freud, segundo a qual ninguém vive sem sonhar. Mais ainda: que o mais importante no dormir não é propriamente o sono, mas o sonho. Pessoas impossibilitadas de sonhar mostram-se confusas, desmemoriadas e, se o impedimento persiste, chegam a ter alucinações. As experiências científicas confirmam: sonhar é preciso.

A FISILOGIA DO SONHO

Os cientistas descobriram que existem sistemas adjacentes de organização, pelos quais todas as regiões do cérebro trabalham em conjunto para produzir uma ação eficaz. São esses os circuitos que controlam nossa consciência, prendem nossa atenção, dirigem nossos impulsos e liberam nossas emoções, ou seja, dirigem nosso comportamento. Esses circuitos atingem os órgãos sensoriais, espalham-se pelo tronco cerebral e ligam partes diversas do cérebro, tornando-as unidades dinâmicas.

Variando do repouso ao estado de alerta e à concentração intensa, o cérebro consegue se movimentar entre os diversos estados de consciência com a rapidez de um relâmpago. A regulação dessa atividade, que muitas vezes não leva mais do que uma fração de segundo, constitui o mais importante sistema de ação do cérebro. Um circuito de neurônios chamado Sistema Reticular Ativante (SRA) realiza uma espécie de seleção entre os impulsos provenientes dos sentidos, escolhendo a informação sensorial que deve ser transmitida à consciência. Sem o SRA — que funciona verdadeiramente como um mini-cérebro — esse verdadeiro bombardeio de informações obscureceria nossa mente, pois a consciência só pode fixar integralmente sua atenção numa coisa de cada vez. O SRA protege o cérebro, desviando os impulsos que podem ser manejados automaticamente. Assim, somente a informação que realmente precisa de atenção especial atinge a consciência.

O SRA está centrado num labirinto de nervos de forma cônica no tronco do cérebro. Ali as suas fibras interceptam o fluxo de informações provenientes do corpo, antes que esses impulsos atinjam o tálamo. Por sua vez, recebe do tálamo informações procedentes dos olhos, ouvidos e língua. Está, portanto, em condições de amortecer ou acentuar qualquer tipo de mensagem. Por isso pode bloquear pequenas incomodidades físicas quando estamos bastante concentrados nos nossos pensamentos.

O SRA possui também ligações com o hipotálamo — que regula processos importantes como a temperatura do corpo e o equilíbrio químico. E por isso que consegue transmitir ligeiras desordens do organismo diretamente ao hipotálamo, sem perturbar a consciência. Todo esse trabalho é feito sem que o Sistema Reticular analise ou interprete as informações que recebe: simplesmente deixa passar os impulsos fortes e os padrões pouco comuns, ao mesmo tempo que amortece as mensagens fracas e familiares.

Por isso, nunca temos consciência, por exemplo, do complicado diálogo do cérebro com o fígado — a menos que alguma coisa esteja funcionando muito mal. Outras sensações variam de intensidade conforme a quantidade de informações que passam pelo SRA naquele determinado momento. Assim, uma dor de dente muitas vezes fica mais intensa à noite.

Além de filtrar as informações sensoriais, o SRA mantém um diálogo de dupla direção com o córtex, pelo qual se regula o próprio estado de consciência. Se a atividade do SRA cai abaixo de um certo nível, o sistema nos põe a dormir. O simples ato de pensar, no entanto, é suficiente para manter o SRA estimulado com impulsos do córtex. E isso pode nos manter acordados a noite toda. Mas, uma vez que a agitação

sensorial e mental atingem um nível muito baixo, o estado de alerta esmorece e o SRA fecha a consciência: mergulhamos no mundo maravilhoso do sonho.

Durante anos, os cientistas acreditaram que esses espetaculares exercícios de fantasia não eram mais do que "divertimentos" da mente em repouso. Recentemente, entretanto, descobriu-se que o cérebro, mesmo dormindo, não assume uma posição passiva — e algumas regiões apresentam mais atividade do que quando estamos acordados.

Normalmente, gastamos 75% do repouso noturno numa distensão profunda, durante a qual o corpo se recupera fisiologicamente da agitação diurna. Raramente os sonhos ocorrem nesse período e quando ocorrem são mais um tipo de pensamento errante sobre atividades recentes, do que os vívidos vôos de fantasia chamados sonhos propriamente. Essas alucinações espetaculares acontecem durante os restantes 25% da noite, quando se registra o REM (de Rapid Eye Movement — Rápido Movimento dos Olhos).

Durante o REM, que acontece aproximadamente a cada noventa minutos, nossos olhos se movimentam rapidamente por trás das pálpebras fechadas, enquanto nuvens de neurônios descarragam furiosamente verdadeiras tempestades de explosões. As ondas cerebrais, registradas no eletroencefalógrafo, durante os sonhos são semelhantes àquelas do cérebro quando acordado. A temperatura cerebral aumenta e o fluxo sanguíneo no cérebro atinge o dobro do que no estado de vigília. Estas dramáticas mudanças metabólicas sugerem que o cérebro está comprometido numa intensa atividade química.

Alguns cientistas presumem que, uma vez que os sonhos frequentemente estão relacionados com acontecimentos do dia anterior, o repouso REM deve ser o período em que o conteúdo da nossa mente é classificado e arquivado nos bancos da memória. Os bebês, por exemplo, que têm muita coisa a arquivar (pois tudo, para eles, praticamente é novo e desconhecido), passam a maior parte do tempo dormindo, em repouso REM. Experiências recentes realmente confirmam: o sonho é necessário para o bom funcionamento da memória.

Quando se ensina truques a cobaias — como se livrar de pequenos choques elétricos num labirinto, aprendendo a fugir para a parte segura do corredor, iluminada de vermelho — elas lembram a experiência durante os testes seguintes, a menos que não tenham dormido depois. Quando se impede uma cobaia de dormir depois de passar pela experiência do choque, ela esquece tudo, não fixa o que aprendeu, e na próxima, não sabe onde estão os lugares seguros do labirinto e leva os choques novamente. A que dormiu, aprendeu a lição. Os seres humanos têm a mesma reação: se os privamos do sono, a informação adquirida durante o dia não se fixa na memória. Constatou-se que o mesmo acontece com crianças mal nutridas.

Alguns teóricos, entusiasmados com tão paradoxal comportamento, levantaram a hipótese de que o sono é o estado normal do cérebro: o estado consciente seria apenas um subordinado, isto é, o tempo que o cérebro destina à alimentação, sexo, segurança física e outras atividades essenciais para a sobrevivência — viveríamos, então, para sonhar. Certo é que voluntários privados do repouso REM (eram acordados cada vez que

seus olhos iniciavam os movimentos vezeiros), em pouco tempo tornaram-se confusos, ansiosos e inseguros.

Essas observações coincidem com a teoria de Freud, segundo a qual os sonhos servem para descarregar a forte pressão dos nossos impulsos inconscientes. Se a teoria de Freud estiver realmente certa, as vítimas da privação do movimento ocular se tornam perturbadas devido à falta de sonhos, que atuam como pára-choques para protegê-las dos impulsos impossíveis de serem controlados.

A EXPLICAÇÃO FREUDIANA

Sempre houve a crença popular de que os sonhos não são desprovidos de sentido, embora as interpretações populares fossem sempre de ordem supersticiosa, ligando a atividade onírica ao sobrenatural. Freud começou por verificar que a versão popular estava mais próxima da explicação psicanalítica do que a médica. Eis como ele próprio descreve sua descoberta: "Certo dia, para meu grande espanto, descobri que a visão dos sonhos que mais se aproximava da verdade não era a médica, mas a popular, por semi-envolta que ainda se achasse na superstição, porque eu havia sido levado a novas conclusões sobre o assunto dos sonhos pela aplicação a eles de um novo método de investigação psicológica que prestava excelentes serviços na solução das fobias, obsessões e delírios, etc. Desde então, sob o nome de psicanálise, ele encontrou aceitação por toda uma escola de pesquisadores". É bom lembrar que essa declaração remonta a 1900.

De acordo com a psicanálise, os sonhos são, antes de tudo, realização de desejos. Nesta perspectiva, os chamados "sonhos premonitórios" podem ser compreendidos como a efetivação de acontecimentos futuros como a pessoa gostaria que fossem. Isto, naturalmente, assustará muita gente, pois se alguém sonha com a morte de uma pessoa querida, dificilmente admitirá que desejou tal coisa. Mas o desejo é inconsciente e só pode ser trazido à consciência pela interpretação analítica, depois de vencer todas as defesas do indivíduo.

Freud começou por distinguir entre o conteúdo manifesto e o conteúdo latente do sonho: o primeiro diz respeito ao sonho tal como é lembrado quando acordamos e o segundo ao material descoberto pela análise, o que estava por trás das aparências e constitui o verdadeiro significado. Mas, qual o processo psíquico que transformou o conteúdo latente em conteúdo manifesto? E quais os motivos que tornaram necessária esta transformação? Na terminologia freudiana, isto se deve à "elaboração onírica".

No tocante à relação entre seus conteúdos latente e manifesto, os sonhos podem ser divididos em três categorias. Em primeiro lugar, podemos distinguir aqueles que fazem sentido e são, ao mesmo tempo, inteligíveis, ou seja, que podem ser inseridos sem outras dificuldades no contexto de nossa vida mental. Os sonhos das crianças são desse tipo, mas os adultos também os têm. São, na maior parte, curtos e parecem-nos em geral merecer pouca atenção, uma vez que não existe nada de espantoso ou estranho a seu respeito. Nas palavras de Freud: "Incidentalmente, sua ocorrência constitui um poderoso argumento contra a teoria de acordo com a qual os sonhos se originam da

atividade isolada de grupos separados de células cerebrais. Eles não dão indicação de atividade psíquica reduzida ou fragmentária, mas, não obstante, nunca questionamos o fato de serem sonhos e não se confundirem com os produtos da vida de vigília".

Um segundo grupo é formado por aqueles que, embora sejam articulados em si próprios e possuam um sentido claro, apresentam, sem embargo, um efeito desorientador, porque não podemos ver como encaixar esse sentido em nossa vida mental. O terceiro grupo contém aqueles destituídos de sentido ou inteligibilidade, que parecem desconexos, confusos e sem significado. A maioria preponderante dos produtos de nosso sonhar apresenta estas características, que constituem a base da teoria médica de que eles são o resultado de uma atividade mental restrita. O que leva a elaboração onírica a nos fazer ter essas fantásticas alucinações noturnas?

Para compreender a explicação freudiana, é preciso ter em mente seu conceito de censura. Entre o consciente e o inconsciente existe algo como um filtro, que deixa passar certos pensamentos e recalca outros que, se viessem à tona, se tornariam desagradáveis e importunos. Ou, então, podemos ter certos pensamentos e reprimi-los por achá-los inadmissíveis ou desagradáveis: eles, contudo, não desaparecem, mas se tornam inconscientes. Freud escreve a respeito: "Não posso deixar de concluir, então, que existe uma conexão causal entre a obscuridade do conteúdo do sonho e o estado de repressão (inadmissibilidade à consciência) de alguns dos pensamentos oníricos e que o sonho tem de ser obscuro a fim de não trazer os pensamentos oníricos proscritos".

Os sonhos são realizações de desejos reprimidos. Quando adormecemos, a vigilância da consciência adormece também, as portas do inconsciente se abrem e os desejos reprimidos querem se tornar conscientes. Graças à elaboração onírica, eles se tornam realmente conscientes mas, como sua admissão à consciência seria sentida como desagradável, surge o disfarce e a dissimulação, de forma a torná-los inteligíveis.

Sabemos, agora, o que são os sonhos. As reflexões anteriores, porém, nos remetem a uma questão: a da sua função. Para que servem os produtos da elaboração onírica?

Freud responde: "Uma vez tenhamos conhecido que o conteúdo de um sonho é a representação de um desejo realizado e que sua obscuridade se deve a alterações em material reprimido feitas pela censura, não mais teremos qualquer dificuldade em descobrir a função dos sonhos. Comumente se diz que o sono é perturbado pelos sonhos; de modo bastante estranho, somos levados a uma opinião contrária e temos de encarar os sonhos como os guardiões do sono". Os sonhos permitem que os desejos reprimidos se tornem conscientes e ao mesmo tempo protegem o sono, impedindo que seu acesso à consciência perturbe o estado de sono.

Os sonhos cumprem, portanto, a função de permitir que impulsos inconscientes se tornem conscientes e de evitar que esses impulsos perturbem o dormir e são, em essência, realizações de desejos reprimidos. Freud afirmava que ninguém vive sem sonhar. Isto, no começo do século. Experiências recentes confirmam sua teoria.

Rector	Paulo Frederico do Rego Maciel
Vice-Reitor	Geraldo Bezerra Lafayette
Pró-Reitor Comunitário	Sebastião Barreto Campello
Pró-Reitor Acadêmico	Theophilo Benedicto de Vasconcellos
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação	Ruy João Marques
Pró-Reitor de Planejamento	Leonides Alves da Silva Filho
Pró-Reitor de Apoio Administrativo	Rubens de Souza
Chefe de Gabinete	Eduardo Cabral de Melo
Relações Públicas	Miguel Otávio de Melo Filho
Diretor do DEC	Marcus Accioly
Redator-chefe	Manoel Neto Telxela
Redatores	Raimundo Carrero
	Ângelo Monteiro
	José Carlos Targino
	Ângela Delouche
Diagramador	Josias Florencio da Silva
Revisores	Paulo Neves e Moacyr Dantas
Repórter-Fotográfico	Maurício Coutinho

Editado mensalmente pelo Departamento de Extensão Cultural (órgão da Pró-Reitoria Comunitária) e impresso nas oficinas gráficas da Editora Universitária. Livros, revistas, cartas e colaboração em geral devem ser enviados para a redação, que funciona no 2.º andar do Edifício da Reitoria, Cidade Universitária — Recife — Pernambuco.

O que há com o ensino da Botânica?

GERALDO MARIZ

Fiquei muito impressionado quando constatei que a maioria das pessoas gosta muito de plantas, sobretudo árvores e flores, mas, em grande parte, detesta o estudo da Botânica.

Tentando descobrir este aparente ou real contrasenso, verifiquei que muita gente não associa Botânica com plantas. Geralmente se refere à Botânica como o estudo de raízes, caules e folhas, ou, o que é pior, aos complicados nomes científicos das plantas. Não foi pois surpresa para mim, observar um grupo de jovens, com idade entre 12 e 14 anos, tentando desesperadamente memorizar, aridamente, nomes como Angiospermas, Ginospermas, Embriófitas, assifonogamas e outros tais. Eram alunos secundaristas, que me informaram estarem "estudando Botânica".

O que aconteceu com o ensino da "Scientia Amabilis" que era ou deveria ser, um ensino agradável das flores, dos frutos e das árvores tão amadas de todos?

Se nós sabemos, que só se ama o que se conhece, como explicar que alguém ame as plantas que não conhece? E como entender que a Botânica, que é justamente a parte da Biologia que ensina tudo sobre as plantas, se constituir numa disciplina detestável?

É evidente que está havendo uma distorção. É distorção violenta, profunda, fundamental. Ensinar é antes de tudo despertar o amor pelo assunto, pelo objeto do estudo. A medida que se aprende bem um assunto, mais a gente gosta dele. E parece que com a Botânica está acontecendo justamente o contrário?

É tempo, pois, de pararmos para verificar onde está o erro e tentar corrigi-lo. Talvez não seja erro, mas, tão somente desatualização. Ou talvez os métodos utilizados não sejam os mais recomendados para os dias presentes. Em matéria de métodos, o ensino tem evoluído surpreendentemente. Outra hipótese que não deve ser esquecida é a de que os mestres ou professores encarregados do ensino da Botânica, não estejam preparados para a missão. Quando me refiro a preparados, penso muito mais na parte afetiva da pessoa que leciona, do que mesmo no seu preparo técnico e cultural.

Tenho observado que os alunos gostam mais das matérias que são ensinadas por profissionais que amam o assunto, do que aquelas que são ministradas por profundos conhecedores do assunto mas que não parecem — vejam bem — não parecem amar sua disciplina.

Evidentemente não se pode perguntar a um professor se ele gosta ou não da matéria que ensina, mas deve-se observar se ele vive as verdades que ensina. Porque um bom profissional não pode separar sua vida da sua profissão. Elas são profundamente interligadas: mesmo se tratando de Botânica, deve haver essa interligação. Do contrário seria um ensino desencarnado, impessoal. E tudo que é impessoal não compromete. E o que não compromete não induz amor, pois não existe amor descomprometido. Quem ama se compromete e se compromete integralmente.

Este problema do ensino da Botânica não é só meu, mas atinge muitos dos atuais professores da área. O prof. Aylthon B. Joly, de saudosa memória, tão cedo arrancado de suas intensas atividades, se preocupou seriamente com este assunto. E nós, em 1971, chegamos a tentar reunir um grupo de Professores de Botânica do Ensino Superior, para uma análise do problema buscando equacioná-lo. Infelizmente não foi possível a reunião. Mais felizes que os Botânicos são os Farmacêuticos que já, há muito tempo, conseguiram se reunir numa Sociedade de

Professores do Curso Farmacêutico, sociedade que vem desempenhando importante papel no seu campo de ação; demonstrando que há realmente necessidade de organismos deste tipo em todas as profissões.

A primeira vez que observei a desorientação do ensino da Botânica no nível médio brasileiro, foi quando um grupo de alunos me pediu orientação para ajudá-los na identificação dos diversos tipos de folhas. Neste estudo deveriam fazer um herbário de folhas, anotando os diferentes tipos de bordos, ápice, base, forma do limbo etc., entrando em detalhes e minúcias. Conversando com a turma fiquei sabendo que pouco ou nada estudavam sobre flor, sobre germinação de sementes (afora a do feijão), sobre condução da seiva, transpiração, plantio, irrigação e crescimento. Mas estudavam em detalhe a fotossíntese, especialmente o processo químico. Fiquei abismado! E de imediato iniciei uma revisão nos programas da Universidade buscando descobrir os meus próprios erros ou daqueles que estavam mais ligados a mim. E realmente notei que em vários aspectos também estávamos caminhando ou ficando para trás, nas distorções e atrasos.

Não é que estudar as folhas em detalhes seja errado. Errado é dar ênfase a este estudo quando hoje não tem mais sentido. Talvez tenha tido há 50 ou 100 anos atrás. Agora não. Hoje as flores são muito mais importantes. Flores e frutos. Só depois de saber bem estes órgãos poderiam estudar as folhas. O que está errado é a desproporção das horas empregadas em cada um destes tópicos. O estudo da flor virá a servir para agrônomos, biólogos, farmacêuticos, alergistas (médicos), floricultores, jardineiros e todos os amantes das plantas. O mesmo se diga da germinação da semente estudo tão bonito e possível de ser feito em grandes turmas com um mínimo de despesas. E que seria continuado pela transpiração absorção da água, condução da seiva e terminaria pelo crescimento com mistura de tropismos podendo ir até fitohormônios. Ficaria mais vivo, mais real, mais vivenciado e mais produtivo. Saíramos deste teoricismo esterilizante que tanto atrasa o ensino da Botânica.

Quanto à fotossíntese, evidentemente, assunto de extraordinária importância, seria objeto de estudo por alunos mais adiantados, então não teríamos outra solução senão calarmos na teoria tão somente. Poder-se-iam fazer alguns experimentos, mas a parte da bioquímica ou da fisiologia seriam quase que unicamente teóricas.

Não acredito que o Ministério de Educação e Cultura (MEC) determine que se ensine mais este ou aquele tópico. Há a obrigatoriedade da Disciplina e o número de horas. O resto é do professor.

Parece pois que o assunto termina nos professores. Ou deveria terminar!

E a solução não pode ser protelada por mais tempo, embora eu não creia que seja tomada de assalto. Vamos devagar e com segurança. A primeira coisa a ser feita é a tomada de consciência. Conscientizados os Mestres, Diretores, os Mandatários e — por que não? — os pais e alunos, partamos para a segunda fase: tomada de posição. Aqui é que é preciso reuniões, debates, seminários, simpósios e congressos.

Depois lenta e seguramente as medidas vão sendo tomadas até que alcancemos a meta a que nos propomos, isto é, que corpo e alma da Botânica se unam, pois atualmente a Botânica é um corpo sem alma, frio, inerte e rígido, enquanto a sua alma, as plantas, crescem e se multiplicam ativamente, se moldando e adaptando a todos os ambientes e situações que o homem, consciente ou inconscientemente, lhes impõe.

PERSPECTIVA

ROBERTO AGUIAR

Rock, uma festa urbana

Uma sala ampla. Cadeiras dispostas ao longo das paredes, o vazio do salão, a eletrola ligada. O whisky é servido.

O rock não é uma música. É uma dança. Louca e convulsiva, mas real. Harmoniosa. Não é um estado de espírito, é um momento da cidade. Muros e malhas.

A eletrola, o whisky, algumas pessoas por perto e ela se faz presença. Uma juventude, um gargalo, um engasgo e as reticências que a moral permite. Basta um disco girando e a crença num fantasma que não se vê. "O essencial é invisível para os olhos". O rock é festa. Uma festa urbana.

Nada de História. O instante é pleno. Vejo o gavião dourado em cúpula com Vênus. Armstrong decifra novamente a Esfinge e o Mundo outra vez fica nu. Alguém aumenta o volume do som. A eletricidade e o tabu se misturam. O homem busca a plenitude na História. Não lhe importam as negações e os instantes. O sonho é tão real quanto a negação. A História é uma busca de Salvação, de plenitude. Pela morte, sem ser da Morte. E a cidade não é Eterna. A festa sim. Apredi isto de um amigo.

Fui ao filme, mas quei chicletes, comi poucas. Tudo é verdade. A sirene do Cinema, Cine Fox. Toda tarde de domingo. Mas eu não esqueço o cheiro ativo de bosta seca de boi quando la receber, às cinco da manhã, das mãos de meu avô, meu copo de leite ao pé da vaca.

Na sala, a guitarra começa a imitar o ruído do banjo. Eu retorno ao convívio do rock. O apartamento está quase repleto. Lá fora, os automóveis businam. A cidade é constante. Um avião passa roncando.

Um dia, distante da infância, com o cheiro do asfalto a embriagar-me e a disputa por um lugarzinho nos coletivos, vi-me ao, estudando Filosofia e recitando Cícero. Tudo estava dividido. As ruas, os livros, os ônibus, os colegas. O rock era a unidade, o resto, eram frações. A cidade toda poderosa era uma festa enclausurada. De ninguém.

Por falta de uma conscientização maior de sua extrema necessidade o Urbanismo era executado pela esfera político-administrativa governamental e assim os planos e decisões concernentes ao mesmo primavam pela inobservância de critérios científicos no tratamento dos problemas de planejamento e desenvolvimento urbanos.

O processo acelerado de surgimento de conglomerados urbanos após a revolução industrial foi o imperativo para a criação de métodos racionais e consolidação do urbanismo como disciplina autônoma, se bem que interdisciplinar, dado que utiliza campos como a Economia, Sociologia Urbana, Estatística, Demografia, Ecologia Urbana, ou métodos como a pesquisa operacional, Teoria dos Jogos de Von Neuman e Morgenstern, a teoria das catástrofes, a Topologia Diferencial de René Thon e outras teorias formalizantes nas ciências humanas.

Numa análise sócio-filosófica percebe-se que a finalidade do Urbanismo, hoje deve ser a reintegração do indivíduo na Sociedade/Cidade. Reintegração, não no sentido de reciclagem de grupos marginais (sub-empregados, etc...) e sim na reintegração de todos nós com a pólis.

Na Grécia antiga, o indivíduo era integrado à pólis e esta gerava significados para ele. Como escreve Marco Antonio Resende: "A cidade grega do século VI, cujo elemento maior é a praça central, apresenta uma estrutura de ocupação que reflete o próprio Sistema político: os cidadãos são iguais jurídico-politicamente e submetem-se a uma autoridade central. Mais do que isso, reflete um sistema religio-

Lembro-me, São Sebastião era o pretexto para, com um alfinete, espetar bundas de matutas e bolas cheias de oxigênio. Eu não! Meu irmão. Ele era livre. Eu seguia à risca os ensinamentos da Irmã Margarida. Sem esquecer a voz morena — melo árabe, melo índia — de Albertina, a noviça que nunca viria a ser freira. Tudo era festa e eu me sentia pleno, ao menos na ambição. Em um instante, num mesmo Círculo, reunia meu pai, minha mãe, meus desafiantes colegas de classe, Padre Antônio, Irmã Margarida, o Varonil e tudo o mais. Os pau-d'arcos estavam roxos e os fluorbalãs inteiramente amarelos. Era a festa de São Sebastião. Mestre Teté, à frente da Banda, regia um dobrado, tão quente e tão extasiante, que restava unicamente a Contemplação. Os metais choravam.

Na eletrola, alguém coloca outro disco. A guitarra geme. Rita Lee. A cigarra que zumba no metrô e que invoca Isadora. Eis o rock. A plenitude. A cidade, universal e indiferente, torna-se festa. Abraça a embraguês que, pelo pagão copo de whisky, lança o cren-te à Paruzia. Fixa o Eterno. Os mais jovens dançam. Batem os pés e as mãos, rodopiando o corpo.

Não posso acreditar que a Eternidade seja fruto do instante. Este é que é seu filho. Negar isto é negar toda a ambição dos humanos. Não creio que tudo é um Círculo. A vida é Sempre nova. Orgasticamente nova. Eu faço o instante com os meus amigos e com os meus inimigos. Como cremos, meu amigo poeta e eu, a verdade ainda é o melhor caminho. Não basta ser grego, apesar do Êxtase. Do tentador Êxtase. A vida exige mais. É histórica.

Os dançarinos estão parados. Alguém desliga a eletrola. Os salgados e as garrafas escasseiam. O anfitrião é o único de pé. As despedidas começam a se fazer. Cada um para seu lado. Tudo está dividido outra vez. O rock parou. Todos saímos. Apenas o dono-da-casa permaneceu. A festa acabou.

Recife, 30 de outubro de 1976.

Homo Et Urbs

pois nesse período da história das cidades que aparecem as favelas (Ver "Managements Systems" organizado por Schoderbek), surgindo assim o processo de desintegração e marginalização, citado acima. A cidade, após a revolução comercial e a Industrial, perdeu a capacidade de gerar significados ao homem que nela habita, como diz Marco Antônio Resende. Essa desintegração do binômio homem-cidade é causa de neurose e insegurança como dizem Erich Fromm, Marcuse, e a Escola de Frankfurt.

Repetindo, a finalidade do Urbanismo, hoje, deve ser a reintegração do indivíduo na sociedade/cidade. Cabe ao Urbanismo, dentro das suas possibilidades, uma revitalização e recharacterização das cidades. "O Sistema Urbano está condenado atualmente ao anacronismo total e a perder sua possibilidade de gerar significados, está com suas funções utilitárias reduzidas. Suas funções secundárias simbólicas estão obsoletas, transformadas e até mesmo perdidas" (Marco Antônio Resende).

A superação do dualismo cartesiano pelo sentido de totalidade oriundo da Teoria dos Sistemas (Bertalanffy) e Estruturalismo (Levi-Strauss), como também a união nas atuais escolas do pensamento do sujeito/objeto, Teoria/Praxis (que se devem refletir no plano epistemológico do Urbanismo em planejar/realizar) é a solução para os procedimentos ontológicos/sistemológicos para os estudos do Urbanismo.

MARCOS ANDRÉ BARRETO
CAMPELO DE MELO
2.º ano de Arquitetura da UFPE

ESTUDANTES DEMONSTRAM INTERESSE PELOS PROBLEMAS COMUNITARIOS E OFERECEM SUGESTÕES

Houve participação efetiva, notadamente por parte dos estudantes, no 1.º Seminário de Estudos Comunitários, iniciativa conjunta da UFPE (Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários) e Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Os trabalhos se desenvolveram no auditório da Fafire. Os resultados das conferências e debates já foram remetidos às autoridades — estaduais e federais, alcançando ampla repercussão, inclusive entre senadores da República.

Os conferencistas foram os Professores Paulo Frederico do Rego Maciel, Reitor da UFPE, que fez acurada análise sobre ensino superior e ensino universitário, estabelecendo diferenças fundamentais entre eles (os ensinos); Sebastião Barreto Campelo (Pró-Reitor para Assuntos Comunitários da UFPE) que discorreu amplamente sobre os diversos aspectos da vida comunitária (ele que é uma das maiores autoridades no assunto, sobretudo grande batalhador pelas causas comunitárias em Pernambuco); e José Rafael de Menezes, escritor católico, que abordou "Os princípios do comunitarismo".

A seguir, transcrevemos tópicos das três conferências.

Diferenças entre ensino superior e universitário



O Reitor Paulo Maciel chamou a atenção dos participantes do Seminário, para que não se confunda ensino superior com ensino universitário: "É evidente que o ensino universitário é um ensino superior, mas nem todo ensino superior, que deve exigir do seu participante uma inteligência cultivada progressivamente nas exigências do ensino médio, é um ensino universitário. Este exige um núcleo de cultura geral antes de ser cultura profissional e especializada".

Este foi um dos tópicos por ele assinalados. Na sua opinião, esse é um dos problemas que cresce dia a dia, posto que, agora, é impossível solucioná-lo na Universidade brasileira. Os profissionais, disse o Reitor, pensando em fazer democracia, estão voltando a um medievalismo terrível com a existência de corporações que se defendem de unhas e dentes e travam uma guerra de títulos e tempos de estudos para adquirirem melhor posição nos níveis, sobretudo do serviço público.

Mostrou a evolução da Universidade brasileira, que depois do ensino de graduação aceitou a pós-graduação. Seguindo influências francesas, latinas, alemãs e, finalmente, americana, caminhou do ensino de graduação até o doutorado, chegando à chamada "extensão universitária". Este é um sinal altamente positivo na época presente da Universidade, que deve participar da vida comunitária.

Contudo, salientou, "a Universidade nunca foi líder em reforma em parte alguma do mundo. E não o é, por dois motivos fundamentais, entre outros: em primeiro lugar porque institucionalmente ela é uma casa de ensino e a sua função central não é a função do reformismo político... Em segundo lugar, porque o processo didático é por sua natureza conservador".

Sobre a relação Empresa-Universidade, ressaltou que "as empresas se queixam de que nós demoramos em atender aos seus reclamos e, por outro lado, não o fazemos com as nossas melhores equipes. O reclamo procede, de certa maneira. Nós, na realidade, não poderíamos nunca atender às vezes a Empresa com a pressa desejada e nem poderíamos em definitivo, porque na realidade há sempre presença na Universidade da exigência didática, por conseguinte de treinamento do aluno".

Cria-se, então, um certo mal-estar entre Universidade e Empresa, o qual pode conduzir ao vício "que é de pensar que é uma posição mais ou menos socialista ou socializante a de desprezar a Empresa, quando, em todo regime, desde o socialismo de Estado que, precisamente por isto, não é socialismo e sim capitalismo de Estado, até propriamente às fórmulas socialistas — que são muito mais pensamentos do que realizações — todas elas exigem e exigirão a Empresa. Mas, na realidade, o problema existe e é um problema que dificulta a ação comunitária".

Sobre a discussão do que deve ser a pesquisa pura e a pesquisa aplicada, salientou o Reitor: "Sem pesquisa pura não andam as nações, porque num determinado momento as ciências dão saltos. Nessa hora de inovação, é preciso que tenha alguém que faça pesquisa pura para que a nação não se atrase demais. Mas, por outro lado, é preciso que se note que, na verdade, a chamada pesquisa pura são tratamentos muito especializados, posto que a busca é de princípios, o que não é para todos".

Burguesia no poder, proletarização das cidades



— O advento da burguesia ao poder, com as transformações sócio-políticas feitas pela Revolução Francesa, juntamente com a industrialização propiciada pela máquina a vapor, estimulou a intensiva proletarização das cidades. Deste fenômeno nasceu a exploração do homem pelo homem, as condições sub-humanas de trabalho e os baixos salários pagos, gerando, no século passado, a Questão Social.

Com estas palavras o Professor Sebastião Barreto Campelo iniciou a sua conferência proferida no I Seminário de Estudos Comunitários. Ele admite que dificilmente teremos uma sociedade perfeita, mas, contudo, "podemos imaginar uma sociedade perfeita, como um ideal a atingir".

Mas adverte que, "na sua construção devemos evitar os erros da civilização ocidental, na qual predomina o individualismo; a excessiva valorização dos direitos do cidadão, mesmo contrariando o Bem Comum; a incontida ambição do lucro que gera a corrupção; e o espírito competitivo que estimula os antagonismos entre as pessoas".

Para Barreto Campelo, uma sociedade perfeita não deveria ser coletivista, com a predominância da Nação sobre a Pessoa Humana. Por outro lado, deve ser conservado o espírito de iniciativa e a liberdade das pessoas e das comunidades. "Finalmente, precisamos impedir que o Homem seja reduzido a um mero fator da produção ou a um valor puramente estatístico".

O primeiro desses sistemas, argumenta o conferencista, deu margem ao desmedido lucro imobiliário, a devastação das florestas, a desumana vida das cidades modernas construídas para o automóvel e não para o Homem, o indiferentismo dos cidadãos em relação aos seus semelhantes. E o segundo criou a mais férrea das ditaduras que a humanidade tem notícias, com a total ausência de liberdades, a subordinação da Pessoa Humana ao Estado e o controle, por este, da total vida econômica do país, inclusive dos empregos.

A sociedade ideal seria, pois, de base comunitária, mas nem marxista nem capitalista. Para justificar esta terceira opção, Barreto Campelo remonta a algumas enciclicas papais. A Mater et Magistra, a Pacem in Terris, a Populorum Progressio e a Rerum Novarum defendem ardentemente a participação nos lucros, co-propriedade, co-gestão e comunitarismo.

Quanto à empresa comunitária, o conferencista tem uma opinião bastante definida. Para ele, tal empresa seria organizada de modo que todos os seus sócios, obrigatoriamente, trabalhariam na mesma e não se admitiria qualquer funcionário, que não tivesse participação na sua propriedade.

Afirma que somente com a construção desta sociedade, baseada no espírito de Solidariedade e na Fraternidade Humana, conferiremos maior crédito às palavras cantadas de John Donne: "Nenhum homem é uma ilha isolada: cada homem é uma partícula do continente, uma parte da Terra; se um torrão é arrastado para o Mar, a Europa fica diminuída, como se fosse um promontório, como se fosse o Solar de teus Amigos ou teu próprio; a Morte de qualquer homem me diminui, porque sou parte do Gênero Humano".

Habitat é apenas começo entre os homens



"O Princípio do Patrimônio precisa revigorar-se. Patrimônio e patriotismo são termos complementares", assegura o professor José Rafael de Menezes, pensador católico paraibano, na sua conferência sobre "Os Princípios do Comunitarismo".

"Uma comunidade está estabelecida, territorialmente, em área geo-ecológica. Um espaço vital, sem dúvida, suficiente para abrigar, alimentar, desenvolver uma população que tudo combina em função dessa vizinhança. Entre os animais esse habitat é tudo, mas entre os homens é apenas um começo" — observou.

"Contudo, diz Rafael de Menezes, trata-se de um importante começo que está permanentemente sendo esquecido, vilipendiado, perturbado pelos males infligidos pela poluição, pelos desmatamentos, pelos desmantelos do urbanismo ou de culturas (?) rotineiras.

Há outra grave ameaça ao Princípio: a venalidade dos herdeiros. No Brasil que herdamos, pela audácia dos bandeirantes, pela teimosia dos sertanejos, pela estratégia de Caxias, pela diplomacia de Rio Branco, pelas excursões heróicas de Rondon, pelo martírio dos paus de arara — na imensidão dos seus oito milhões de quilômetros quadrados —, a posse legaliza para uma minoria. E dentro dessa minoria, estrangeiros, aparentemente úteis, instalam impérios predatórios e poluentes".

Reconhece Rafael de Menezes que uma comunidade é um núcleo estável, uma unidade social. O que não se consegue sem afinidade. Sem origens comuns, interesses comuns. Nem sem comunicação clara e aspirações definidas. "É preciso saber com quem se conta, a quem se conta. Há os alienígenas de raça e há os alienados, por preguiça ou traição. Há os que tudo querem possuir, sem trabalhar, e há os que se atiram cúpidos, a serviço de qualquer causa". Uma comunidade nasce de espontâneas energias, floresce na liberdade, nas interações orgânicas por simpatia e confiança. "Em um reinado de seres permutados. Em regozijo de suas heranças territoriais e morais".

O inverso do espírito comunitário é, para Rafael de Menezes, o "espírito lotérico". Ele afirma que tal espírito está enraizado em milhões de brasileiros. É a ânsia do enriquecimento, mas sem esforço e sem poupança. E continua: "É um grave risco. Persas e romanos só prosperaram em todos os graus de civilização, quando em suas famílias se mantinham autosuficientes pelo ascetismo. Imperiais, degeneraram. A erudição e o gosto mundano dos parisienses nunca fizeram poetas nem sábios, nem heróis. A França os recrutou majoritariamente das províncias. Como filhos das comunidades. A Independência dos Estados Unidos foi um movimento de base comunitária. De lideranças ruralistas, de homens que aprenderam a ler e a pensar à luz das velas, e venceram os ingleses com armas de caçadores".

Para o conferencista, é sintomático de uma renovação, como reencontro com nosso melhor passado comunitário, o que se realiza na Previdência Social, o que se distingue para o Nordeste, com o Projeto Sertanejo, o que se propaga para a Universidade.

EMPRESA COMUNITÁRIA, UMA OPÇÃO



Declaração de Princípios e proposição para a implantação de uma Empresa Comunitária — foram as principais conclusões a que chegou o 1.º Seminário de Estudos Comunitários. A promoção foi da UFPE e Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.

A seguir, a Justificativa da Empresa Comunitária e a Declaração de Princípios.

MODELO DE EMPRESA COMUNITÁRIA

JUSTIFICATIVA

A procura de um sistema de vida mais comunitária para o homem, no qual a solidariedade e o Bem Comum exerçam um primado, exige uma reforma global da vida social. Neste sentido é válida a experiência das Empresas Comunitárias, que estimulam a convivência pacífica entre as pessoas e, tornando todos os seus empregados sócios da Empresa, rompe o esquema de luta de classes.

A EMPRESA COMUNITÁRIA

A Empresa Comunitária seria organizada de modo que todos os seus sócios, obrigatoriamente, trabalhariam na mesma e não se admitiria qualquer funcionário, que não tivesse participação na sua propriedade. Nela, todos os seus empregados (incluindo gerente, contador, engenheiro, mestre, operário, especializado, ajudante, etc.) formariam uma Comunidade e, para eles, a Empresa seria algo que interessaria a todos, pois, não haveria a distinção entre patrões e empregados. Assim, até a luta de classes estaria eliminada porque não haveria a distinção de interesses antagônicos. Para que não haja um aumento de salários, se isto resultaria na diminuição dos lucros, que pertencem, também, ao próprio empregado?

Não seria nem a estatização, com os perigos do totalitarismo, nem a livre concorrência da sociedade liberal, que gera a ambição do lucro, com todas as suas consequências de corrupção e exploração do Homem.

Há várias experiências de empresas comunitárias no mundo. Os Kibutizen de Israel são comunitários. Na França o movimento "Economia e Humanismo", do Pa. Lebrete fundou mais de uma. No Brasil criou-se uma em Minas Gerais e outra em São Paulo: a Unilador. A própria Varig, no tempo do Rubens Berta, teve uma feição próxima da empresa comunitária, com todos os seus empregados estáveis, sócios da empresa. Em Pernambuco, na cidade de Paulista, está funcionando uma pequena Empresa Comunitária. Entretanto, todas essas tentativas de funcionamento vêm esbarrando em dificuldades de ordem jurídica, pois, não existe a figura jurídica da Empresa Comunitária, no Código Comer-

cial Brasileiro, uma vez que os tipos de sociedades comerciais existentes não satisfazem o seu conceito.

A SOCIEDADE COMUNITÁRIA E OUTROS TIPOS DE SOCIEDADES COMERCIAIS

Entretanto, por não haver no nosso Direito Comercial a figura jurídica da "Sociedade Comunitária", elas vêm encontrando grandes dificuldades em operar.

Vejamos as vantagens e defeitos de cada um desses tipos de sociedades, comparando-se com a sociedade comunitária:

Sociedade por Ações.

A Sociedade por ações tem a vantagem de pulverizar o capital social, o que também acontece nas comunitárias, mas os seus acionistas são, em geral, distantes e só indiretamente interessados no seu governo e, aliás, ela só serve para as grandes empresas, pois é muito cara a sua constituição e, cada ano, a sua assembléia geral exige formalidades e despesas vultosas com a publicação de convocações e atas.

Além disso, a aquisição da maioria de ações por uma só pessoa ou por grupos homogêneos pode garantir à maioria, o governo discricionário da sociedade. As garantias legais concedidas às minorias, postos que lhes garantam o capital, em nada influem quanto à sua participação na sociedade. Garante-lhes, apenas, a retirada sem prejuízo. E nada mais.

Acontece, ainda, que o aumento do capital depende de proposta da diretoria, parecer do Conselho Fiscal, aprovação da assembléia geral e só pode fazer fixando-se o quantum do aumento.

Ainda, salvo deliberação especial da assembléia geral, que se reúne normalmente uma vez por ano e cuja convocação extraordinária depende de circunstância e formalidades preliminares, o Governo das sociedades por ações é, a bem dizer, exercido discricionariamente pela diretoria. Mesmo no caso de deliberação em contrário da assembléia geral, cassando os atos dos diretores e destituindo a diretoria, quando

essa providência chega a efetivar-se os atos já praticados são irreversíveis, por obrigar a sociedade.

Dado o seu custo à formalidade a que está sujeito, a sociedade por ações só serve para as grandes empresas, isso com os inconvenientes apontados.

A sociedade comunitária, porém, é de constituição instantânea e barata; o seu capital terá de crescer cada ano e esse crescimento independe de formalidades, publicações e deliberação de assembléias gerais. Nunca uma só pessoa ou um grupo homogêneo de sócios poderá usurpar o seu governo. Acontece ainda que os seus participantes estão em constante convívio com os negócios sociais e poderão a cada instante intervir no governo e impedir, ou pelo menos limitar ao mínimo, os atos gravosos da diretoria.

Enfim, cada sócio trabalha necessariamente na sociedade, pelo que não fica distante da sociedade como, em geral, acontece nas sociedades por ações, nem há nela os assalariados que em grande número trabalham nas sociedades por ações.

Se uma "Sociedade Comunitária" viesse a funcionar como Sociedade por Ações, sempre que um sócio operário fosse dispensado, haveria a possibilidade de não querer vender as suas ações à sociedade ou ao novo sócio-funcionário. Assim, aos poucos, se tornaria uma empresa de cunho capitalista.

Sociedade por quotas.

Quanto à sociedade por quotas, nas quais, em regra, os cotistas trabalham na sociedade, as vantagens da sociedade comunitária são as seguintes:

O capital das sociedades por quotas é fixo e só pode ser aumentado mediante alterações do contrato social e depósito na Junta Comercial, ao passo que na sociedade comunitária, o capital cresce progressivamente pelas parcelas que, do salário, dos lucros e poupanças de cada sócio, são acrescidas ao capital, sem formalidade de espécie alguma.

Também as sociedades por quotas mantêm auxiliares e empregados assalariados, ao passo que esse inconveniente é suprimido nas comunitárias, nas quais todos os participantes são simultaneamente assalariados e proprietários que participam dos lucros sociais.

Se uma "Sociedade Comunitária" viesse a funcionar como Sociedade por Quotas, sempre que um sócio-funcionário se retirasse ou fosse admitido um novo, teria que haver uma reforma do contrato social da empresa.

Cooperativas.

Relativamente às cooperativas, fórmula mais aproximada das sociedades comunitárias, ainda assim as vantagens que a sociedade comunitária tem sobre elas é evidente.

Nas cooperativas, sejam elas de produção, consumo ou crédito, cada cooperado só tem interesse individual nas operações que com elas fazem.

O progresso das cooperativas só indiretamente lhes interessa. De modo que um cooperado pode sair-se vantajosamente nas operações que realiza, ao passo que a respectiva cooperativa se saiu mal quer nas suas, quer nas outras operações que realiza que são muitas e diversas.

Também os cooperativistas ficam distantes da direção das cooperativas, tal como nas sociedades por ações.

Além disso, as Cooperativas mantêm assalariados para os seus serviços de comercialização, produção, venda para consumo e distribuição de crédito, o que não ocorre nas comunitárias, como já ficou dito.

Enfim, a composição da sociedade comunitária, que é a conciliação entre a livre iniciativa e a Justiça Social, inclui a participação nos lucros e é a forma socialmente ideal e cristã, pois nelas não há nem patrões, nem assalariados, já que todos participam de ambas as categorias e, trabalhando em empresa própria, todos se esforçam pelo progresso da sociedade.

Declaração de Princípios

competitivo, predominante nele, pelo espírito de solidariedade;

PLURALISMO — afirmamos que o Bem Comum será alcançado pela necessária intervenção do Estado, no sentido de uma descentralização da ação, ou pluralismo comunitário, que respeite e fortaleça as comunidades intermediárias, tais como a Família, a Empresa, a Paróquia, a Associação de Bairros, o Sindicato, o Município, a Nação etc., e outras, que não poderão ser absorvidas pelo poder centralizador do Estado ou pelo poder econômico;

SUBSIDIARIEDADE — acreditamos que a ação das Comunidades deverá ser ordenada segundo o princípio da Subsidiariedade, isto é, a tarefa que uma comunidade de âmbito menor puder realizar, não deve outra de âmbito maior encampar (Quadrágésimo Ano, p. 203 e Mater et Magistra, p. 50);

FAMÍLIA — confiamos que a menor das comunidades numa sociedade é a família, célula desta sociedade, onde os irmãos aprendem a conviver fraternalmente, a fim de levar este espírito a toda a sociedade;

PARTICIPAÇÃO — acreditamos que os diferentes grupos sociais têm de participar do processo de se conseguir a Jus-

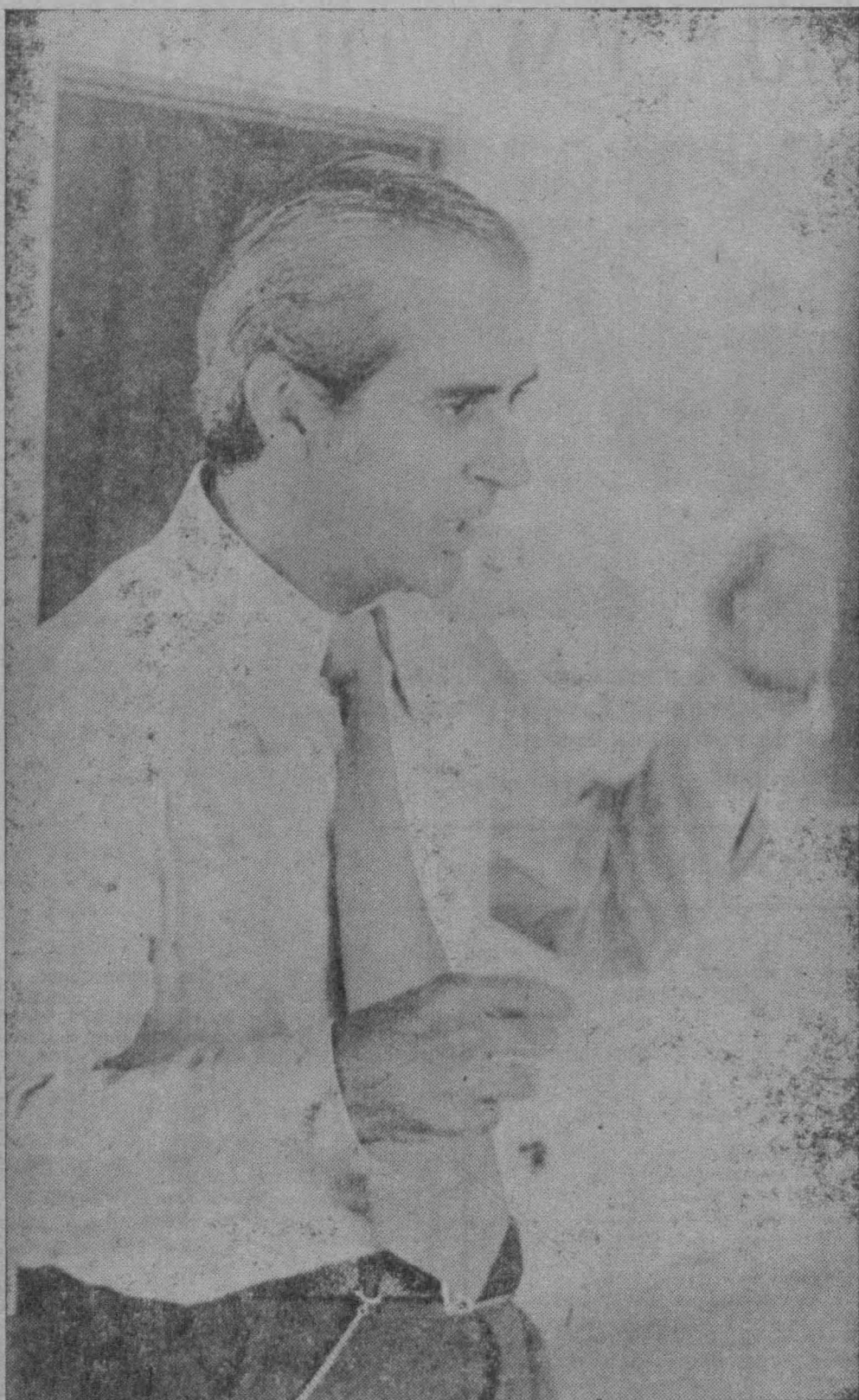
tiça Social, impedindo a estagnação e o elitismo, opondo-se ao Estado absoluto e onisciente à influência do poder econômico;

FRATERNIDADE — afirmamos que a inspiração de toda a vida pública é o espírito de Fraternidade, em oposição à indiferença burguesa e ao ódio de classe, da raça ou de religião;

COMUNIDADE INTERNACIONAL — acreditamos na necessidade de organizar as nações numa Comunidade Internacional, inspirada nos princípios do Solidarismo, defendendo os direitos fundamentais da Pessoa Humana e estabeleça a igualdade jurídica das Nações, promova o desenvolvimento e realize a Paz;

EVOLUÇÃO — afirmamos que a necessária transformação da sociedade atual para uma mais justa, terá que ser feita pacificamente, evoluindo de dentro para fora, com a participação da comunidade, posição que se opõe ao imobilismo burguês e ao sentido de ruptura pregado pela violência política.

O Seminário de Estudo Comunitário, promovido pela Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários da UFPE, e o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, no Auditório da FAFIRE, em 01 de outubro de 1976.



A Modernidade do Pensamento Filosófico de Santo Tomás de Aquino

ANGELA DELOUCHE

Foi recebido como extraordinário evento o retorno de Jarbas Maciel à vida universitária, afastado que estava há cerca de dois anos. A vitória deve-se ao atual Reitor, Prof. Paulo Maciel e ao Coordenador do Curso de Mestrado em História, Prof. Armando Souto Maior. Jarbas Maciel, além de ter retomado a cadeira História e Filosofia da Ciência e da Técnica no Mestrado, está escrevendo "Introdução à Teoria e à História da Ciência", que contém um capítulo sobre a Lógica no Brasil, sob a orientação do Prof. Newton Carneiro Affonso da Costa, da Universidade de S. Paulo.

"Santo Tomás de Aquino sustentava uma posição epistemológica racionalista de fundo nitidamente realista. Incorporando ao pensamento cristão toda a teoria aristotélica da Ciência, sustentava também a primazia do intelecto, tese surpreendentemente revolucionária para o século XII da perfeita compatibilidade entre fé e razão".

Estas são palavras do Prof. Jarbas Maciel em estudo sobre *A Importância do Pensamento de S. Tomás de Aquino para a História e Filosofia da Ciência*, que apareceu na *Revista Brasileira de Filosofia*, publicada em S. Paulo.

O Prof. Jarbas Maciel desenvolveu para o JU vários tópicos do seu trabalho, que passamos a relacionar.

Dois poderosos Instrumentos de Análise Epistemológica

S. Tomás de Aquino antecipou alguns dos resultados mais importantes da Epistemologia Científica de nossos dias, dentre os quais o conceito de validade absoluta da "lei" científica — que ele chamava de "princípio" — e o de validade relativa da "teoria" e da "explicação" científicas".

Fato verdadeiramente surpreendente da história contemporânea do tomismo é o relativo e perfeitamente desnecessário abandono a que ficaram relegados os estudos tomistas de Filosofia da Ciência e de História da Ciência, quando o próprio S. Tomás já havia por antecipação desenvolvido dois dos mais poderosos instrumentos de análise epistemológica hoje à disposição do analista — a teoria da Relação e sua "irmã gêmea", a Teoria da Ação (ou Praxeologia).

A Teoria da Relação é desenvolvida por S. Tomás dentro de um contexto essencialmente teológico. A maior parte, com efeito, acha-se concentrada nos dois primeiros Tratados da *Summa* (o Tratado de Deus, e principalmente o Tratado da Trindade). O tratamento que ele dá a essa questão, entretanto, é perfeitamente geral e, como tal, embasa toda a sua epistemologia e toda uma Teoria da Ciência, que pode — e deve — ser tornada explícita e desenvolvida até suas últimas consequências dentro da *weltanschauung* tomista.

A História da Relação

A história da relação começa, a rigor, com

Platão, cuja filosofia, por seu turno, inspirou a teoria da ciência de Aristóteles, a qual, mais tarde, seria incorporada ao pensamento tomista. O ponto de partida poderá ser, portanto — e comodamente — a teoria aristotélica da ciência, ou, na expressão do estagirita, a ciência apodítica (ou "dedutiva"). Esta teoria está dividida, por assim dizer, em duas partes: uma, apresentada nos dois primeiros volumes do *Organon*, que se referem mais propriamente à lógica do conceito; a outra, apresentada nos *Analíticos Posteriores*, que tratam da "ciência dedutiva" propriamente dita.

A Contribuição de Aristóteles

Foi uma contribuição aristotélica original, sem dúvida, o ter sistematizado a análise lógica da "linguagem científica" a partir, inicialmente, da análise direta do pensamento — algo eminentemente sutil — Aristóteles empreendeu a gigantesca tarefa de descobrir-lhe indiretamente a estrutura íntima mais profunda, através de sua manifestação material: a linguagem. O pensamento, segundo o estagirita, "caminharia" apoiado nas palavras, as quais, por isso mesmo, refletiriam algo — senão a maior parte — da estrutura do pensamento. Cada ente, cada coisa, fato, acontecimento ou fenômeno, entretanto, por ocorrer em número infinito, faz com que o universo linguístico se apresente ao sujeito cognoscente como uma massa de palavras (ou conceitos) e sentenças (ou juízos) por demais numerosa e confusa. Para introduzir ordem nessa "massa conceptual" primária, Aristóteles começou por considerar, inicialmente, apenas os conceitos. Seria possível classificá-los, isto é, reuni-los em classes mais gerais de palavras, se possível classes pouco numerosas, "independentes" e exustivas, quer dizer, capazes de englobar juntas todo o universo vocabular do discurso? A resposta, hoje clássica, foi afirmativa e constitui a descoberta das dez categorias — a "substância" e seus nove "acidentes" ("quantidade", "qualidade", "relação", "ação", "paixão", "posição", "lugar", "tempo" e "estado").

Todo e qualquer conceito deverá pertencer a uma destas classes (e somente a uma); Nenhum conceito, nenhum termo, palavra alguma poderá existir no universo do discurso "desclassificado" (e é isto que significa dizer que as categorias são exustivas). A categoria de substância impera aí como verdadeira rainha — mas não com poder absoluto. Parte de sua hegemonia é compar-

tilhada com a categoria de relação que, pela importância que desempenha na estrutura interna do universo dos conceitos, complementando a substância, mereceu de S. Tomás de Aquino, o epíteto *ens minimum*.

A Substância

A substância é própria do ser, do ente, que subsiste por si só, independentemente das demais categorias. Substância designa, antes de tudo, o ente. Os acidentes (com exceção, parcialmente, da relação) designam os atributos do ente. A relação me-lo-substância, me-lo-acidente, não deixa de ser ente, embora seja também um seu atributo importante. É, além de mero acidente, uma quase-substância que, à maneira de intermediário ou "cimento", liga o(s) acidente(s) à substância.

A Relação

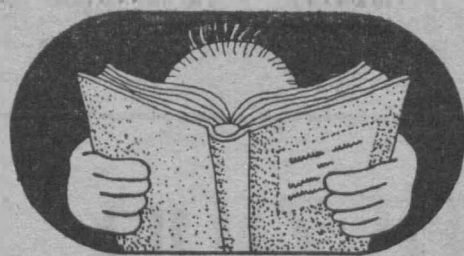
S. Tomás reconheceu a função primordial da relação, ao lado de sua função secundária como mero atributo ou acidente. Ele fazia clara a distinção entre relação "predicamental" e relação "transcendental". A relação predicamental é a relação enquanto predicamento, ou categoria, em pé de igualdade com as demais categorias (quantidade, qualidade, etc.). A relação transcendental é a relação nesta sua função de ligação ou conexão entre substância e acidente:

Dizia "(...) Devemos considerar que, em cada um dos nove gêneros de acidentes, há duas coisas que devem ser levadas em conta. Uma, é o ser pertencente a cada um deles considerado como um acidente e é próprio de cada um deles o ser inerente a um sujeito, pois o ser de um acidente consiste em inerir". E mais adiante: "(...) A verdadeira noção da relação não se deriva de sua referência àquilo em que ela está, mas de sua referência a algo (que existe) fora (dela)".

O Prof. Jarbas Maciel salienta a genialidade de Tomás de Aquino, que introduzia uma qualificação em sua teoria da relação e se antecipou de quase sete séculos a um dos mais exasperadores problemas da teoria moderna da relação — o da aparente indecidibilidade entre uma concepção *extensional* e uma concepção *intensional* da relação. O núcleo central de toda a dificuldade consiste, precisamente, no fato de a re-

lação ser "algo mais" do que uma simples categoria desempenhando uma função nas esferas do conhecimento (gnose) e do ser (onto), que transcende de muito o âmbito puramente predicamental. De fato, a partir dos trabalhos de DeMorgan, Peirce e Shroeder, a teoria da relação passou a encarar a relação como um conjunto de pares ordenados, isto é, seu aspecto *extensional* desprezando, sob pretexto de que tinha um interesse estritamente "psicológico" ou "filosófico tradicional" o seu lado *intensional*. Coube a Bertrand Russell, no começo do século, salientar o erro de Peirce e Shroeder de confundir relação com classe e o perigo talvez mais grave de se adotar uma definição exclusiva e radicalmente *extensional* da relação, o significado mais profundo desse extraordinário conceito ou ente (ainda que "mínimo", no dizer de S. Tomás). De fato, a Russell não escapou nenhum dos aspectos da teoria clássica da relação. Sua influência nesse sentido foi importante e providencial, porque ele retomou a via analítica iniciada por Aristóteles e continuada por S. Tomás de Aquino, cujo ponto de partida era uma análise da linguagem, não visando alcançar meramente — como seria o erro posterior dos positivistas e neo-positivistas lógicos — uma gramática, nem mesmo uma gramática filosófica, mas antes uma *classificação dos conceitos* paralela a uma *classificação dos erros*; este é um aspecto extremamente importante, que tem sido desprezado tanto pela História da Filosofia, quanto pela História da Ciência, mas que a pesquisa dentro de uma perspectiva típica da História das Ideias vem de reabilitar ultimamente. E foi também providencial a influência de Bertrand Russell, porquanto a tendência, por exemplo, em Matemática, de se considerar sempre a relação em sua acepção *extensional*, ameaçava novamente obscurecer o lado filosófico (ou *intensional*) da questão.

Estes e muitos outros aspectos do pensamento de S. Tomás de Aquino, são focalizados pelo trabalho do Prof. Jarbas Maciel. No final ele afirma que a Teoria da Relação e a Teoria da Ação da filosofia tomista começa a influenciar a moderna Teoria da Ciência a qual descobre que não tem sentido fazer-se uma Epistemologia divorciada da Praxeologia, ou vice-versa e assim se pode concluir que permanece vivo e atuante o extraordinário sistema filosófico de Tomás de Aquino.



Hannah Arendt e o Leviathan de Hobbes

A pensadora alemã Hannah Arendt faleceu em dezembro de 1975. Sua morte, muito lamentada nos círculos intelectuais dos Estados Unidos e da Europa, veio, contudo, chamar a atenção dos leitores brasileiros para uma obra cheia de densidade, significação humana e científica. Naturalizada norte-americana

desde 1951, Arendt foi aluna de Martin Heidegger e Karl Jaspers. Há, agora, um imenso vazio nos corações de seus alunos de filosofia política na New School for Social Research de Nova York. Alguns de seus livros são considerados verdadeiramente admiráveis, entre os quais As Origens do Totalitarismo, A

Condição Humana, Entre o Passado e o Futuro e Homens em Tempos Obscuros.

Foi inspirada no trabalho do filósofo inglês Thomas Hobbes (1588-1679) que a pensadora alemã escreveu um curioso e agudo ensaio sobre as motivações básicas do burguês, os seus padrões morais e os seus objetivos

materiais. Ela parte de pressupostos estabelecidos em Leviatã, ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil — a maior de todas as obras de Hobbes, escrita em 1651. O JORNAL UNIVERSITÁRIO publica, nesta sua edição, um fragmento do vasto ensaio da grande pensadora.

DEFININDO O BURGUES

“É difícil encontrar um único padrão moral burguês que não tenha sido previsto pela inigualável magnificência da lógica de Hobbes. Ele pinta um quadro quase completo não do Homem, mas do homem burguês, uma análise que em trezentos anos não se tornou antiquada nem foi suplantada. ‘A razão... é nada mais que cálculo’; ‘um súdito livre, uma vontade livre... (são) palavras... sem significado, isto é, um Absurdo’. O homem é essencialmente uma função da sociedade e é, portanto, julgado de acordo com o seu ‘valor ou merecimento... seu preço; ou seja, aquilo que se lhe daria pelo uso da sua força’. Esse preço é constantemente avallado e reavaliado pela sociedade, fonte da ‘estima dos outros’, do acordo com a lei da oferta e da procura.

O poder, segundo Hobbes, é o controle que permite estabelecer os preços e regular a oferta e a procura de modo que sejam vantajosas a quem detém esse poder. O indivíduo de início isolado, do ponto de vista da maioria absoluta, compreende que só pode atingir e realizar seus alvos e interesses com a ajuda de ‘certa espécie de maioria. Portanto, se o homem não é realmente motivado por nada além dos seus interesses individuais, o desejo do poder deve ser a sua paixão fundamental. É esse desejo de poder que regula as relações entre o indivíduo e a sociedade e todas as outras ambições, porquanto a riqueza, o conhecimento e a fama são as suas consequências.

Hobbes mostra que, na luta pelo poder, como na capacidade inata de desejá-lo, todos os homens são iguais, já que a igualdade do homem reside no fato de que cada um, por natureza, tem suficiente potencialidade para matar um outro, pois a fraqueza pode ser compensada pela astúcia. A igualdade coloca todos os homens na mesma insegurança; daí a necessidade do Estado. A razão d'être do Estado é a necessidade de dar alguma segurança ao indivíduo, que se sente ameaçado por todos os seus semelhantes.

O traço crucial do retrato que

Hobbes pinta do homem não está no seu pessimismo realista, porque se fosse verdade que o homem é um ser como Hobbes o quer, não seria capaz de fundar qualquer corpo político. Na verdade, Hobbes não consegue, nem realmente procura, incorporar definitivamente esse ser numa comunidade política. O Homem de Hobbes não deve qualquer lealdade ao seu país se este for derrotado, e é desculpa de qualquer traição caso venha a ser feito prisioneiro. Aqueles que vivem fora da comunidade (os escravos, por exemplo) não têm nenhuma obrigação para com os que a compõem e podem matar tantos quantos puderem; mas, ao contrário, ‘nenhum homem tem a liberdade de resistir à espada da comunidade em defesa de outro homem, culpado ou inocente’, o que significa que não existe nem espírito de companheirismo nem responsabilidade entre homens. O que os mantém juntos é um interesse comum, como, por exemplo, ‘algum crime capital, pelo qual todos esperam ser punidos com a morte’, tendo neste caso, o direito ‘de se unirem, ajudando-se e defendendo-se uns aos outros... Pois apenas defendem as suas vidas’.

Assim, a participação em qualquer forma de comunidade é para Hobbes temporária e limitada e essencialmente não muda o caráter solitário e privado do indivíduo (que não tem ‘prazer, mas, ao contrário, muito desgosto em manter companhia, quando não há força para obrigá-lo a tanto’), nem cria laços permanentes entre ele e seus companheiros. O resultado é a inerente e confessada instabilidade da comunidade — Commonwealth — de Hobbes, cuja própria concepção prevê a sua ulterior dissolução: ‘quando numa guerra (estrangeira ou interna) os inimigos obtêm a vitória final... então o Commonwealth é dissolvido, e cada homem tem a liberdade de se proteger a si mesmo’. Esta instabilidade é surpreendente na teoria de Hobbes, na medida em que o seu objetivo primário é assegurar um máximo de segurança e estabilidade.

Seria uma grave injustiça a Hobbes e à sua dignidade como filósofo conside-

rar esse retrato do homem como tentativa de realismo psicológico ou verdade filosófica. O fato é que Hobbes não está interessado nem num nem noutra, mas se preocupa exclusivamente com a própria estrutura política e traça as feições do homem em função das necessidades do Leviatã. Para fins de argumento e convicção, apresenta seu esboço político partindo do desejo de poder pelo homem e passando para o plano do corpo político adaptado a essa sede de poder.

Esse corpo político foi concebido para o uso da nova sociedade burguesa que emergia no século XVII, e esse quadro do homem é um esboço do novo tipo de Homem que se adequava a ele. O Commonwealth é baseado na delegação da força, e não do direito. Adquire o monopólio de matar e dá em troca uma garantia condicional contra o risco de ser morto. A segurança é proporcionada pela lei, que emana diretamente do monopólio de força do Estado (e não é estabelecida pelo homem segundo padrões humanos de ‘certo’ e ‘errado’). Porque na lei do Estado não existe a questão de ‘certo’ ou ‘errado’, mas apenas a obediência absoluta, o cego conformismo da sociedade burguesa. E como essa lei flui diretamente do poder que ela torna absoluto, passa a representar a necessidade absoluta aos olhos do indivíduo que vive sob ela.

Despojado de direitos políticos, o indivíduo, para quem a vida pública e oficial se manifesta sob o disfarce da necessidade, adquire novo e maior interesse por sua vida privada e seu destino pessoal. Excluído da participação na gerência dos negócios públicos que envolvem todos os cidadãos, o indivíduo perde tanto o lugar a que tem direito na sociedade quanto a conexão natural com os seus semelhantes. Agora, só pode julgar sua vida privada individual comparando-a com a dos outros, e suas relações com os companheiros dentro da sociedade tomam a forma de concorrência. Numa sociedade de indivíduos, todos dotados pela natureza da igual ca-

pacidade de força e igualmente protegidos uns dos outros pelo Estado, que regula os negócios públicos e os problemas de convívio sob o disfarce da necessidade, somente o acaso pode decidir quem vencerá.

De acordo com os padrões burgueses, aqueles que são completamente destituídos de sorte e não têm sucesso são automaticamente excluídos da competição, que é a essência da vida da sociedade. A boa sorte é identificada com a honra e a má sorte com a vergonha. Transferindo ao Estado os seus direitos políticos, o indivíduo delega-lhe também suas responsabilidades sociais: pede ao Estado que o alivie do ônus de cuidar dos pobres, exatamente como pede proteção contra os criminosos. Não há mais diferença entre mendigo e criminoso — ambos estão fora da sociedade. Os que fracassam perdem a virtude que a civilização clássica lhes legou; os que são infelizes já não podem apelar à caridade cristã.

Hobbes isenta os que são excluídos da sociedade — os fracassados, os infelizes, os criminosos — de qualquer obrigação em relação ao Estado e à sociedade, se o Estado não cuida deles. Podem dar rédea solta ao seu desejo de poder, e são até aconselhados a tirar vantagem de sua capacidade elementar de matar, restaurando assim aquela igualdade natural que a sociedade esconde apenas por uma questão de conveniência. Hobbes prevê e justifica que os proscritos sociais se organizem em bandos de assassinos, como consequência lógica da filosofia moral burguesa.

Como a força é essencialmente apenas um meio para um fim, qualquer comunidade baseada unicamente na força entra em decadência quando atinge a calma da ordem e da estabilidade; sua completa segurança revela que ela é construída sobre a areia. O poder só é capaz de garantir o status quo adquirindo mais poder; só pode permanecer estável ampliando constantemente sua autoridade através do processo de acúmulo de poder.

AFORISMOS DA VIDA E DA MORTE

RUI DE LEÃO CAMINHA

Amor!... Quem, de sua consciência, poderá definir o mundo de coisas que está contido nessas quatro letras?!

Quando julgas sem valor um objeto e o jogas fora, que direito tens de reclamá-lo de quem — achando-o — dele fez bom uso, por descobri-lhe qualidades e valores que antes negavas ou desconhecias?!

É nobre toda profissão quando quem a exerce o faz com dignidade.

O amor ideal não existe; varia de acordo com a fantasia de cada um.

Ó, insensatos: aprendei a respeitar, nos outros, aqueles mesmos direitos que gostariéis ver respeitados em vós!

Há sempre alguma coisa que o indivíduo ignora, por mais sábio que ele seja.

O grande mal da humanidade é pensar que as coisas ruins da vida, só acontecem... aos outros...

Nada melhor do que uma boa companhia mas... onde encontrá-la?

É uma pena que quando amadurecemos para a vida,

já não nos reste muito tempo para vivê-la... e desfrutá-la...

Certas pessoas há cuja memória deixa-nos confusos: vivem a lembrar, constantemente, o que — por nobreza e elevação de espírito — deveriam esquecer; ao contrário, esquecem facilmente o que — por brío, dignidade e vergonha — jamais deveriam esquecer.

Nada é perfeito; e se algo se nos apresenta como tal, é uma decorrência, pura e simples, da imperfeição da nossa visão ou da deficiência moral do nosso julgamento.

Gostaria de saber se você já conviveu com pessoas cuja carícia mais parece ser um colco e o próprio riso soa, como se uma chibatada fosse... eu, já...

Todo indivíduo faz dos demais o julgamento que lhe cabe.

Ser bom não é pretender sê-lo ou ser elogiado como tal; é ter o coração cheio de amor e a consciência vazia de injustiças praticadas.

Só o idiota teme a solidão — que o obriga a pensar.

Nunca se sabe até que

ponto podemos confiar o nosso segredo a alguém; esse alguém tem, sempre, um outro em quem confia... aquele um outro mais — e... de repente... o segredo deixou de existir...

Não sei por que essa necessidade que sentimos de ter alguém em quem possamos confiar e — dessa forma — desabafar as nossas mágoas, é maior em mim do que nos outros.

A música é a única manifestação do espírito que consegue ser bela em sendo triste.

Quanto maior for o amor, mais próximo estará daquele ponto em que pode transformar-se em ódio ou, pelo menos, em indiferença... se menosprezado.

Todo indivíduo tem, na vida, o que merece ou o que procura — embora muita coisa nos chegue pela bondade de alguns, ou pela maldade de muitos...

A melhor maneira de ganhar uma guerra é não começá-la; mas os homens são tão estúpidos, que se permitem a incoerência de fazê-la para ganhar a PAZ!

VERBO ORIGINAL E TRADUZIDO

Dando prosseguimento à tentativa de recriar em nossa língua os textos mais significativos da literatura de todos os tempos, notadamente dos poetas de língua inglesa, francesa e espanhola, trazemos hoje, além de poemas do poeta judeu-americano Leonard Cohen, duas outras traduções: uma de um texto de Baudelaire e outra de um de Ruben Dario.

PRAYER FOR MESSIAH

His blood on my arm is warm as a bird
his heart in my hand is heavy as lead
his eyes through my eyes shine brighter than love
O send out the raven ahead of the dove

His life in my mouth is less than a man
his eyes through my eyes shine brighter than love
his yes through my eyes shine brighter than love
O send out the raven ahead of the dove

O send out the raven ahead of the dove
O sing from your chains where you're chained in a cave
your eyes through my eyes shine brighter than love
your blood in my blood collapses the grave

O sing from your chains where you're chained in a cave
your eyes through my eyes shine brighter than love
your heart in my hand is heavy as lead
your blood on my arm is warm as a bird

O break from your branches a green branch of love
after the raven has died for the dove

ORAÇÃO AO MESSIAS

Seu sangue em meu braço é quente como um pássaro
seu coração em minha mão é pesado como chumbo
seus olhos em meus olhos brilham mais que o amor
Ó mandai o corvo adiante da pomba

Sua vida em minha boca é menos que um homem
sua morte em meu peito é mais dura que pedra
seus olhos em meus olhos brilham mais que o amor
Ó enviai o corvo adiante da pomba

Ó enviai o corvo adiante da pomba
Ó cantai de vossas cadelas onde estais presos à caverna
teus olhos em meus olhos brilham mais que o amor
teu sangue em minha balada aniquila a tumba

Ó cantai de vossas cadelas onde estais presos à caverna
teus olhos em meus olhos brilham mais que o amor
teu coração em minha mão é pesado como chumbo
teu sangue em meu braço é quente como um pássaro

Ó quebrai de vossos galhos um que seja verde, de amor,
depois que o corvo morreu pela pomba.

ONE NIGHT I BURNED THE HOUSE I LOVED

One night I burned the house I loved,
It lit a perfect ring
In which I saw some weeds and stone
Beyond — not anything.

Certain creatures of the air
Frightened by the night,
They came to see the world again
And perished in the light.

Now I sail from sky to sky
And all the blackness sings
Against the boat that I have made
Of mutilated wings.

UMA NOITE QUEIMEI A CASA QUE AMAVA

LEONARD COHEN

Tradução: ANTONIO LEAL CAMPOS

Uma noite queimei a casa que amava,
Era um perfeito anel aceso
No qual eu vi joio e pedra
Além — nada mais.

Certas criaturas do ar
Amedrontadas pela noite,
Vieram para ver o mundo novamente
E pereceram na luz.

Agora navego de céu em céu
E toda a escuridão canta
Contra o barco que fiz
Com as asas mutiladas.

SALUTACION DEL OPTIMISTA

RUBEN DARIO

Inclitas razas ubérrimas, sangue de Hispania fecunda,
espíritus fraternos, luminosas almas, salve!
Porque llega el momento en que habrán de cantar nuevos himnos
lenguas de gloria. Un vasto rumor llena los ámbitos;
mágicas ondas de vida van renaciendo de pronto;
retrocede el olvido, retrocede engañada la muerte,
se anuncia un reino nuevo, feliz sibila sueña,
y en la caja pandórica de que tantas desgracias surgieron
encontramos de súbito, talismánica, pura riente,
cual pudiera decir la en sus versos Virgilio divino,
la divina reina de luz, la celeste Esperanza!

Pálidas indolencias, desconfianzas fatales que a tumba
o a perpetuo presidio, condenasteis al noble entusiasmo,
ya veréis el salir del sol en un triunfo de lirios,
mientras dos continentes, abonados de huesos gloriosos,
del Hércules antiguo la gran sombra soberbia evocando,
digan al orbe: la alta virtud resucita,
que a la hispana progenie hizo dueña de siglos.

Abominad la boca que predice desgracias eternas,
abominad los ojos que ven sólo zodiacos funestos,
abominad las manos que apedrean las ruinas ilustres
o que la tea empuñan o la daga suicida.
Siéntense sordos ímpetus en las entrañas del mundo,
la inminencia de algo fatal hoy conmueve la tierra;
fuertes colosos caen, se desbandan bicéfalas águilas,
y algo se inicia como vasto social cataclismo
sobre la faz del orbe. Quién dirá que las savias dormidas
no despierten entonces en el tronco del roble gigante
bajo en cual se exprimí la ubre de la loba romana?
Quién será el pusilánime que al vigor español niegue músculos
y que al alma española juzgase áptera y ciega y tullida?
No es Babilonia ni Nínive enterrada en olvido y en polvo
ni entre momias y piedras, reina que habita el sepulcro,
la nación generosa, coronada de orgullo inmarcible,
que hacia el lado del alba fija las miradas ansiosas,
ni la que, tras los mares en que yace sepulta la Atlántida,
tiene su coro de vástagos, altos, robustos y fuertes.
Unanse, brilen, secúndense, tantos vigos dispersos;
formen todos un solo haz de energía ecuménica.
Sangre de Hispania fecunda, sólidas, inclitas razas,
muestren los dones pretéritos que fueron antaño su triunfo.
Vuelva el antiguo entusiasmo, vuelva el espíritu ardiente
que regará lenguas de fuego en esa epifanía.
Juntas las testas idosas, ceñidas de líricos lauros
y las cabezas jóvenes que la alta Minerva decora,
así los manes heroicos de los primitivos abuelos,
de los egregios padres que abrieron el surco pristino,
sientan los soplos agrarios de primaverales retornos
y el rumor de espigas que inició la labor triptolémica.

Un continente y otro renovando las viejas prosapias,
en espíritu unidos, en espíritu y ansias y lenguas
ven llegar el momento en que habrán de cantar nuevos himnos.
La latina estirpe verá la gran alba futura:
en un trueno de música gloriosa, millones de labios
saludarán la espléndida luz que vendrá del Oriente,
Oriente augusto, en donde todo lo cambia y renueva
la eternidad de Dios, la actividad infinita.
Y así sea Esperanza la visión permanente en nosotros,
inclitas razas ubérrimas, sagre de Hispania fecunda!

SAUDAÇÃO DO OTIMISTA

RUBEN DARIO

Trad.: LUCILA NOGUEIRA

Inclitas razas ubérrimas, sangue da Hispânia fecunda,
espíritos fraternos, luminosas almas, salve!
Porque chega o momento em que hão de cantar novos hinos
lenguas de glória. Um vasto rumor enche os espaços;
mágicas ondas da vida renascem de improviso;
retrocede o olvido, retrocede — enganada — a morte,
se anuncia um reino novo, sonha a feliz sibila,
e na caixa pandórica de que tantas desgracias surgiram
encontramos, súbito — talismânica, pura, ridente —
qual poderia dizê-la em seus versos Virgílio divino,
a divina rainha de luz, a celeste Esperança!

Pálidas indolências, desconfianças fatais que à tumba
ou a perpétuo presidio, condenastes o nobre entusiasmo,
já vereis sair o sol em um triunfo de lírios,
enquanto dois continentes, firmados em ossos gloriosos,
do antigo Hércules a grande sombra soberba evocando,
digam ao orbe: a alta virtude ressuscita,
que fez à hispana progênia senhora dos séculos.

Abominai a boca que prediz desgraças eternas,
abominal os olhos que só vêem zodiacos funestos,
abominal as mãos que apedrejam ruínas ilustres
ou que empunham a tocha ou adaga suicida.
Sentem-se surdos ímpetus nas entranhas do mundo,
a iminência de algo fatal hoje comove a terra;
caem fortes colossos, debandam as águilas bicéfalas,
e algo se inicia como um vasto cataclisma social
sobre a face do orbe. Quem dirá que as seivas sonolentas
não despertem, então, no tronco do carvalho gigante
sob o qual se espremeu o seio da loba romana?
Quem será o pusilânime que negue músculos ao vigor espanhol
o que julgue a alma espanhola áptera, cega, tolhida?
Não é Babilônia nem Nínive enterrada no pó e no olvido
nem entra mumias e pedras, rainha que habita o sepulcro,
a nação generosa, coroada da imarcescível orgulho,
que para o lado da alba fixa os olhares ansiosos,
nem a que, além dos mares em que jaz sepulta a Atlântida,
tem seu coro da vergôntea alta, robusta e forte.

Unam-se, brilhem, secundem-se, tantos vigos dispersos;
formem todos um só feixe de energia ecumênica.
Sangue de Hispânia fecunda, sólidas, inclitas razas,
mostrem os dons pretéritos que outrora foram seu triunfo.
Volte o antigo entusiasmo, volte o espírito ardente
que regará linguas de fogo nessa epifania.
Juntas as testas idosas, cingidas de líricos louros
e as juvenis cabeças que a alta Minerva decora,
assim os nomes heróicos dos avós primitivos,
dos insígnis pais que abriram o pristino sulco,
sintam os sopros agrários de retornos da primavera
e o rumor das espigas que iniciou o trabalho triptolémico.

Ambos os continentes renovando as velhas prosápias,
em espírito unidos, em espírito e ansias e linguas,
vêm chegar o momento em que hão de cantar novos hinos.
A estirpe latina verá a grande alba futura:
em um trovão de música gloriosa, milhões de lábios
saudarão a esplêndida luz que virá do Oriente,
Oriente augusto, onde tudo transforma a renova
a eternidade da Deus, e atividade infinita.
E assim, seja a Esperança a visão permanente em nós todos,
inclitas razas ubérrimas, sangue da Hispânia fecunda!

CORRESPONDANCES

CHARLES BAUDELAIRE

La Nature est un temple où de vivants piliers
Laisser parfois sortir de confuses paroles;
L'homme y passe à travers des forêts de symboles
Où l'observent avec des regards familiers.

Comme de longs échos qui de loin se confondent
Dans une ténébreuse et profonde unité,
Vaste comme la nuit et comme la clarté,
Les parfums, les couleurs et les sons se répondent.

Il est des parfums frais comme des chairs d'enfants,
Doux comme les hautbois, verts comme les prairies
Et d'autres, corrompus, riches et triomphants.

Ayant l'expansion des choses infinies,
Comme l'ambre, le musc, le benjoin et l'encens,
Où chantent les transports de l'esprit et des sens.

CORRESPONDÊNCIAS

CHARLES BAUDELAIRE

TRADUÇÃO: ANGELO MONTEIRO

A natureza é um templo onde pilares vivos
semelham o ar em torno de confusas vozes;
o homem passa através de florestas de símbolos
que o prescrevem com seus cotidianos olhos.

Ecos que prolongados se encontrassem longe
como numa unidade funda e tenebrosa,
na mesma vastidão unindo a noite e a aurora,
confundem-se os perfumes, as cores e os sons.

Há perfumes tão tenros como a carne do infante,
doces como os oboés, a verdes como os campos,
além dos corrompidos, embora triunfantes.

Cheios dessa expansão das coisas infinitas,
como o almíscar, o incenso, o benjoim e o âmbar,
que os transportes espalham da alma e dos sentidos.

Enciclopedia em Tamanho Menor

Numa publicação da editora Vozes, **Enciclopédia Filosófica** de Roland Corbisier, apresenta-se, apesar de suas pequenas dimensões, como um dos trabalhos mais importantes no gênero. Os verbetes são

devidamente aprofundados, envolvendo as questões fundamentais da metafísica, em seus termos filosóficos mais correntes, mesmo descontando-se pouco número de páginas do livro.

A Pesquisa e o Espírito Científico

Dioclécio Ferreira da Luz Eng. 4.º Ano

O ato de pesquisar pelo puro prazer de satisfação do espírito científico, temos de lamentar, encontra-se a extinguir-se — moribundo à espera da extrema-unção.

Partindo da premissa de que sem pesquisa não haverá desenvolvimento, tentamos, através da razão, investigar tal proposição sem que haja necessidade de impormos axiomas ou aceitação pela fé, qual seja: um método científico.

A ciência, outrora marginal, suspira hoje, aliviada dos transtornos por que passou na mocidade. Hoje, amadurecida, olha para o presente e, apesar de ainda existirem os ortodoxos pregando o retorno ao passado, sorri ante o futuro que cada dia se torna mais presente.

Como será possível, então, que admitamos ao mesmo tempo um futuro tão promissor à ciência e anunciemos a saída do féretro do espírito científico? Tais assertivas não seriam paradoxais? Não. Não há contradição no exposto. É preciso, no entanto, que distingamos as diferenças entre ciências e espírito científico. Termos aparentemente apenas encontrados casados, contudo, na verdade, encontram-se divorciados. A distinção é imediata. Entendendo-se a CIÊNCIA como "o conhecimento de uma área" e o ESPÍRITO CIENTÍFICO como a "motivação desinteressada a tal empreendimento" está bastante claro que hoje em dia esta "motivação desinteressada" está a dar seus últimos suspiros, enquanto que a ciência cresce e evolui como nunca. Percebemos, portanto, que ainda existe um 'espírito' a pairar sobre a ciência; contudo, este não incentiva, não motiva a busca desinteressada, pelo contrário, há sempre uma minoria, um grupo, uma elite, que o domina e mantém no sob as vistas. Chamo a este espírito (mola mestra da ciência contemporânea) COMERCIAL ou EMPRESARIAL.

Até aqui tudo que foi exposto resumiu-se a filosofias — palavras cerceadas apenas em argumentos lógicos. Analisemos agora a questão sob um critério bem mais pegajoso: fatos. Assim é que, sob a luz dos acontecimentos atuais, torna-se fácil acreditar na INEXISTÊNCIA de algum espírito científico que motive a criação em escala industrial de tantas coisas inúteis; de tantos modos de poluição e de tamanha variedade de material bélico, por exemplo (o que nos leva a inferir na existência de uma ciência bélica).

O modo pelo qual chegamos a tal situação é de veras complexo e não nos interessa de todo. Cumpramos, apenas, caracterizar o 'modus vivendi' do atual espírito motivador da ciência; assim como, também, os aspectos da sórdida síndrome que aniquila o verdadeiro espírito científico — filosófico por natureza — levando-o às portas da morte.

Devido ao seu aspecto filosófico (busca da verdade pelo prazer), conforme frisei, o espírito científico requer, em princípio LIBERDADE. Filosofia sem liberdade não é filosofia — não acredito em filósofos cristãos por serem cristãos. Assim como, também não podemos falar em liberdade de pensamento (pelo menos) se não forem dadas as CONDIÇÕES sócio-econômicas primárias. Todo tipo de liberdade, portanto, é filha da liberdade primeira, a ECONÔMICA. O espírito científico tende a fenecer onde não existe estrume financeiro suficiente.

Cada dia mais, à medida que cresce, a ciência necessita de recursos financeiros. Cada degrau em sua escalada equivale a muito dinheiro empregado — e os degraus são sempre maiores à frente. É neste instante que começam os estertores do espírito científico. Por necessitar cada vez mais de recursos, vende-se a minorias que detêm tais recursos; e, fruto dessa prostituição, nasce um novo espírito — um marginal — o espírito empresarial; principal aliado dos que corromperam sua mãe, pior do que ela, e com os seus conhecimentos, vende-se por qualquer preço.

A causa, portanto, da morte do espírito científico deve-se a fatores notadamente econômicos. O cientista de nossos dias (salvo raras exceções) vê-se tentado a trabalhar numa indústria (no 'laboratório de pesquisa') ao invés de um verdadeiro centro de pesquisas, pois a indústria normalmente tem bem mais condições a oferecer. Afinal, apesar de dizer-se que "todo homem tem seu preço, isto não é verdade. Mas é possível encontrar, para cada um, uma isca onde ele forçosamente morderá". (1) Mas isto só ocorre porque "num mundo no qual a força concentrada é tão grande e a ação desta força é tão obscura, muitas pessoas são levadas a pensar que suas decisões não importam e acabam por se abandonar à fatalidade". (2) Infelizmente, nem sempre todos os fatores são levados em conta, e o "entregar-se à fatalidade" torna-se um fato, que apenas 'a posteriori' se fará sentir seus efeitos sobre a humanidade. O cientista no "laboratório de pesquisas" da indústria trabalhará de acordo com as especificações da empresa. Toda e qualquer pesquisa deve ser orientada para que dê um melhor resultado financeiro; não se admitirá trabalhos que não estejam diretamente ligados ao fator-lucro da indústria — estes serão considerados inúteis, onerosos, inconvenientes à empresa — Pouco adiantará aos homens de hoje a descoberta da vacina anti-cárie, ou mesmo uma cura para o câncer; é preciso que, irônicamente, tais descobertas sejam encoberidas, até o dia em que todos os investimentos na indústria de sanativos odontológicos e sanativos cancerígenos tenham dado todos os lucros pré-calculados — até a última gota, como se diz. É bom que friseemos que, muito embora a inquisição tenha se extinguido, hoje existe a empresa, que, tem a ciência sob seu jugo quase que totalmente.

O que vemos, portanto, é um desenvolvimento espetacular da ciência e da tecnologia. No entanto, além de nem sempre ser o melhor para a humanidade, para que chegue até nós tais progressos é necessário antes — supondo algo de utilidade mais geral — que sejam satisfeitas certas prerrogativas de ordem econômicas, por exemplo: pesquisa de mercado; estatística populacional; controle de 'marketing'; expiração do prazo de utilização máxima de um produto anterior com as mesmas indicações, etc. Satisfeitas estas condições, ulteriormente, após uma boa dose de propaganda (baseada na Psicologia de Vendas — uma "ciência"), o produto é finalmente lançado. O lucro é garantido, e deste, uma boa parte é novamente investida nas pesquisas — o ciclo é vital.

Deste modo, torna-se claro que, já que a pesquisa é necessária ao desenvolvimento, devemos tentar erigi-la tendo como bandeira a ciência, e como estrutura um corpo de verdadeiros cientistas, entendendo-se como tais homens verdadeiramente dotados do espírito científico. Para tanto, requer-se também um bom alicerce financeiro que, acima de tudo, esteja completamente adverso as confabulações empresariais e ao maquiavelismo das cotações da bolsa.

Mas, infelizmente, sem querer ser pessimista, "num mundo em que a subsistência individual é problema de cada um, o dinheiro é um Deus que compra o canil, o cão e o abanar do rabo" (3).

FONTES:

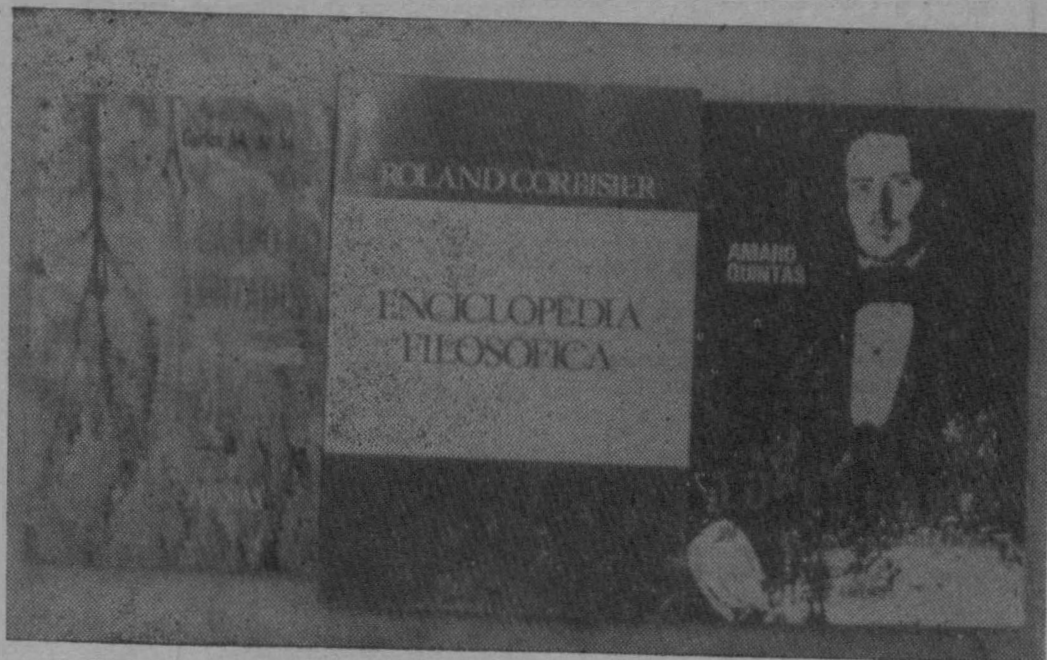
- (1) — Humano Demasiado Humano — pág. 269 — NIETZSCHE, Friedrich — Editorial Presença — 1973
- (2) — A Necessidade da Arte — pág. 244 — FISCHER, Ernst — Zahar Editores — 1966
- (3) — Livro Vermelho dos Pensamentos de Millôr — pág. 99 — FERNANDES, Millôr — Nórdica — 1973

A Tentação do Canto

Canto Tentado, de Carlos A. A. de Sá, edição de Bloch Editores S. A., é um livro de poemas marcado por um sentido lírico não separado de uma busca de participação humana que vem caracterizando grande parte da poesia de herança pós-

modernista. Sua poética não traz grande novidade nem na forma nem no conteúdo, porém como livro de estréia possui o valor de chamar nossa atenção para temas que extrapolam do ramerrão de uma poesia puramente coloquial.

O Padre Lopes Gama



O professor Amaro Quintas, através de seu livro O Padre Lopes Gama — Um Analista Político do Século Passado —, já em segunda edição, dentro de uma perspectiva histórica profundamente embasada, sendo como é um dos maiores historiadores do país — apresenta uma análise do Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, numa das suas faces mais características que é a da crítica política. O livro apresenta um prefácio bastante esclarecedor do escritor Valdemar Valente.

Zoo-Tomia

Antônio Leal Campos

No pulo do gato,
o Ato Puro
Descreve no espaço
Um ballet
felino.

O risco no basilisco:
Seus olhos.
Por hipnose
Transmuta em fé —
o perigo.

Na esquiva —
o equívoco
Das garras em guerra
— falhas navalhas —
Cavaleiros ariscos
As armas recolhem.

Compreensão

para o Mistério

José Montenegro Cavalcante

Não conseguimos entender, ainda, que força entranhamente impiedosa é a que nos atinge, vez em quando, de modo tão inexorável! Buscamos compreendê-la, o melhor que possamos, mas sempre em vão. Até parece que, em nosso intuito de entendê-la, resultamos mais confusos ainda, em nossa qualidade de seres humanos. E o mistério persiste, pois, cada vez mais profundo, em tão densa natureza de golpes intensamente serveros, para todos nós. Mas, apesar da terrível adversidade que nos alcança, continuamos buscando desvendar o enigmático significado de tudo isso. Assim, também, procurando, em muitos sentidos, um estímulo mais eficiente, que nos encorage, em tão difícil empreendimento. Para tanto, buscamos uma razão mais essencial, que nos esclareça, em definitivo. Temos certeza de que, dum momento para outro, algo poderá ser-nos revelado, em sua legítima essência. A verdade, porém, é que o insano poder persistente, dolorosamente ameaçador, para milhões de criaturas que tentam viver, de uma forma ou outra, por este mundo de Deus. Pois tantos fatos, tristes e alucinadamente conturbadores, vão acontecendo, por toda a intermínua distância da terra, arrastando, em sua inclemência, muitos seres e muitas coisas que, afinal, são coisas e seres do plano divino, porque tudo de DEUS. Deste modo, é como se, em nada, fossemos respeitados, por mais sagrado seja o valor que, como pessoas, possuímos. Não há, pois, a mínima consideração, por parte dessa avassaladora força, a nossos destinos de autênticas criaturas do universo de Deus.

Em vista dos mais fatídicos acontecimentos que nos afetam, às vezes de maneira que ficamos marcados para sempre, sentimo-nos muitíssimo absortos, tamanha é a fúria com que essa força atua, constante e dantescamente, sobre toda a humanidade indefesa. Mas, por isso mesmo, precisamos de sentir-nos em profunda vivência de uma fé que, em face de tão traiçoeira adversária, venha esclarecer-nos e revigorar-nos, nos mais substanciais sentidos de nossa existência. Assim, crentes e confiantes na suprema proteção, poderemos sentir que, talvez com a maior brevidade, todo este angustioso estado de coisas, muitas vezes prenúncio da inadiável presença da morte, chegará a seu término. Porque, quando menos esperarmos, um amplo horizonte, em transcendente luz, estará despontando, para todos nós, como altíssima harmonia e fecundante ventura. Então, esse nefasto poder, que, a cada instante, busca investir contra todos, para aniquilar-nos por completo, talvez não tenha mais sua razão de ser. Provavelmente, não terá mais tanta preponderância sobre o que somos, porque, iluminados pelo ESPÍRITO MAIOR, estaremos, aos poucos, tendo consciência da grande transformação que teremos de viver, para podermos penetrar, definitivamente, no pórtico das coisas redentoras do perene. Quando nos sentirmos, então, na plenitude das idéias esclarecedoras do insondável, talvez cheguemos a compreender, terminantemente, a razão maior da existência de tão maléfica potência, originária do tenebroso mundo oculto, para, assim, sentirmo-nos precavidos, quando às suas aniquiladoras investidas.

Arte & Tempo

ÂNGELO MONTEIRO

Arrebatado escuto o Panis Angelicus, de Frank, na interpretação de Ruggero Orefino, e essa música tem o poder de me remontar à primeira comunhão, anônima e despojada, até, das vestes brancas rituais, ao gosto tenro do trigo da infância, ao "Deus em mantilhas, Cristo tão pequenino e eterno", do poema admirável de Garcia Lorca. A grandeza de Jesus Cristo consiste justamente neste permanente milagre de se recapitular, sacrificialmente, sobre os nossos altares trazendo-nos a face de Nosso Irmão, exemplar para nós do irreduzível cúmplice de Deus. Ele, o Divino Senhor, ao renascer todos os dias sob as espécies do pão e do vinho, nos ensina a capacidade de ressuscitarmos sob as espécies do tempo e do espaço — que não passam de espécies — em prol do sacrifício de salvar Deus no Homem e o Homem em Deus.

ooOoo

Prodigioso milagre o da transubstanciação: a maior de todas as transmutações alquímicas, porque não pretende apenas transmutar o metal pobre em ouro, mas operar a transformação também do ouro em humilde metal — alquímia às avessas — para, dessa forma, nos devolver sempre à encarnação, diafanizando-a e divinizando-a, porque não há ouro maior do que a sua própria matriz, a Madre Terra, nossa Mãe. Ouro terráqueo, mas transformado e convulsionado pelo Espírito divino.

Prodigioso milagre o da transubstanciação: assim como o que nós comemos e bebemos se transforma em nossa própria substância e se torna, assim, na nossa própria carne e no nosso próprio sangue, da mesma forma Jesus Cristo ao se transformar em nossa comida e nossa bebida, opera a transmutação da nossa pequenina humanidade em sua própria divindade. Faz-nos deuses ao mesmo tempo em que se faz Homem. Pela sua augusta humildade, faz-nos ser príncipes, ao revestir-se da grandeza de Servo; unindo a servitude e o senhorio — dois extremos — sob as espécies do pão e do vinho: a água e a terra, o princípio feminino e o princípio masculino, as duas polaridades também da nossa individualidade, para sempre dilacerada neste mundo entre os apelos da Carne, que é Serva, e os assombros do Espírito, que é o Senhor.

Que lição de altíssima poesia: a de fazer a palavra transformar-se em Verbo, pela voz do Sacerdote, o Oficiante e o Poeta do sagrado mistério — em correlação absoluta com o Corpo de Deus que se faz oriundo da humilíssima matéria — pão e vinho — constantes das agonias e dos júbilos da nossa passagem por esta difícil Terra.

ooOoo

Os escribas estão impossibilitados de entender o Verbo. Por isso estarão também exilados do significado oculto do mistério da transubstanciação. Mas não existirá uma oportunidade, porventura, de os escribas serem salvos? De os escribas se incendiarem com o Verbo, transformando suas palavras mortas em sementes da Verdade e da Vida?

ooOoo

Vós, ó Deus, que prometestes que nos últimos tempos espalharíeis o vosso Espírito sobre toda e carne, salvai-nos, sobretudo a nós, miseros escribas, de perder a dimensão ardentíssima do vosso Amor. Nós que não deveríamos ser mais do que instrumentos do vosso Verbo, e que temos por única missão a de criar novos servos para Vós, novos filhos espirituais e carnis para o vosso Corpo, a Igreja, protegi também aqueles que foram por nós marcados mas não aceitaram ser, por nossas mãos, vasos dóceis ao derramamento do vosso Mistério. Que recebam por outras mãos o Mistério que dissiparam, por não acreditarem na glória dos seus corpos e das suas almas enquanto instrumentos do vosso Nome. Que o glorioso Mistério do vosso Corpo não exile jamais da alegria e da felicidade todos aqueles que estiveram conosco mas rejeitaram a voz do vosso Espírito que, por nosso intermédio, neles quisesse fundir.

ooOoo

Médiuns que somos da vossa Graça, convulsionai-nos em ondas de paz e de luz, tornando-nos ao mesmo tempo rígidos como pedras do vosso testemunho e plásticos como encarnações do Verbo movente em sua inquietação eterna para agitar as veias tortuosas e ressecadas da Terra. Aleluia.



FERNANDO LOPES DA PAZ TRABALHANDO NA MADEIRA

Com apenas 23 anos de vida e cursando o 3.º ano de Direito da Universidade Federal de Pernambuco, Augusto Ferraz mereceu a seguinte opinião de: Hélio Pólvora, crítico literário do Jornal do Brasil, após ler O BRANCO FATÍDICO e LIÇÃO PARA VIVER, ambos, livros de contos:

"Assim é Augusto Ferraz. Movimenta a linguagem de forma altamente criativa,

até o ponto em que o texto se aproxima da deformação surrealista. Seu mundo ficcional — o da miséria física e moral — fere notas patéticas. A Imagística, às vezes primitiva, outras vezes cheia de sutilezas impressionistas, procura ressaltar a realidade através de ornamentos góticos.

Num escritor que começa a fazer sua obra, o destemor, e bem assim o ímpeto

com que escreve, denotam consciência das responsabilidades do ofício, abrindo-lhe perspectivas de originalidade".

2 — O primeiro livro, O BRANCO FATÍDICO, teve orelha de Hermilo Borba Filho, e na contra-capa comentário de Clarice Lispector.

3 — Atualmente prepara uma novela intitulada O COMEDOR DE FORMIGAS.

INFORTÚNIO DE MÁRTIRES

— AUGUSTO FERRAZ —

— Dolores, eu te amo.
— Você diz isso só pra me ver aos seus pés.

— Sério, eu te adoro.
— A mim você não engana.

Dolores era uma dessas mulheres largas, espessas, sumarentas, boa de se apertar.

— Eu sei, já não somos os mesmos.
— Isso agora não influi em nada.
— O passado não conta?

Dolores olhava do fundo dos seus olhos miúdos, frios e profundos como uma cova, e duvidava. Sentia que podia vacilar. Mas se fincava em si como uma estaca no solo.

All no Lagunho vida era vidinha. Os que para lá vertiam haviam muito de sonho, embora suas vestes estivessem encharcadas de realidade. Comiam o que do cotidiano sobrava: feijão, maçãs, cacos de vidro, tudo embebido no molho que das sextas-feiras emanava. Eram alegres, felizes, tristes, solitários, e do mal-estar retiravam horas de lazer com que se entalavam madrugada adentro. Como o mar, seus corpos eram salgados e cheiravam a maresia.

Dolores era tola e acreditava nessas coisas.

— Um dia eu ainda quero te ver rastejar aos meus pés — dizia ela, faminta.

— Você está sendo cruel.

— Para quem sempre foi tratada como uma cadela, até que é pouco.

— Que é que há entre nós, Dolores?

Viviam submersos, vindo à tona pedir cigarros, bebidas, amizade, compreensão, coisas passageiras, muitas vezes mal digeridas. Além do próprio corpo não possuíam muito: talvez os sonhos quando dormiam ou uma imaginação mais fértil que transmutava a pedra em água e estrangulava a sede. O que de resto não surtia muito efeito. Não mais que a cama e os lençóis, quando muito um outro corpo servia de agasalho.

— Acho que você finge não acreditar em mim.

Dolores sorria ao ouvir esta frase.

— Faz questão de me magoar?

— Quando se ama, a mágoa não produz marcas.

Fortes, corajosos, rendiam-se ao vício. Fracos, covardes, mostravam que eram humanos. Todos pastavam como ovelhas e apren-

diam suas lições diárias. Uns mágicos, outros guerreiros e assassinos, alguns intelectuais, outros bobos, muitos usavam óculos, anéis, eram abesos como reis, e como reis reinavam e decidiam sobre a vida e a morte de cada um.

— Gostaria que você parasse de me amolar.

— E deixar-me entregue às traças? Eu também tenho nervos, coração, eu também sou humana, Dolores!

A existência tornara-os infantis. Eram homens e se propunham a viver.

— Você precisa saber que não sou a única nesse mundo. Digo isto enquanto me resta amor.

— É... É que... Sabe... É que teu amor não me deixa raciocinar.

— Então, querida, estás perdida. Só os fortes são capazes de amar.

— Compreenda, Dolores, meu amor é verdadeiro porque me faz sofrer e eu sou capaz de aceitar esse sofrimento.

— Quando se ama, não se sofre.

All na vidinha homem significava homem zinho. Isso revelava o quanto eram pobres e pródigos consigo mesmos. Pouco importava se queriam bem ou mal a alguém. Por não saberem distinguir entre as coisas do espírito e as da carne, viviam e se aproximavam do semelhante.

— Ai, que estou confusa, você me deixa louca!

— Ora, não sou eu, é você mesma que se atrai a esse estado.

— Não me venha com suas maluquices.
— Costuma-se dizer isto quando se quer fugir.

— Pensei que seríamos felizes, que nos compreenderíamos...

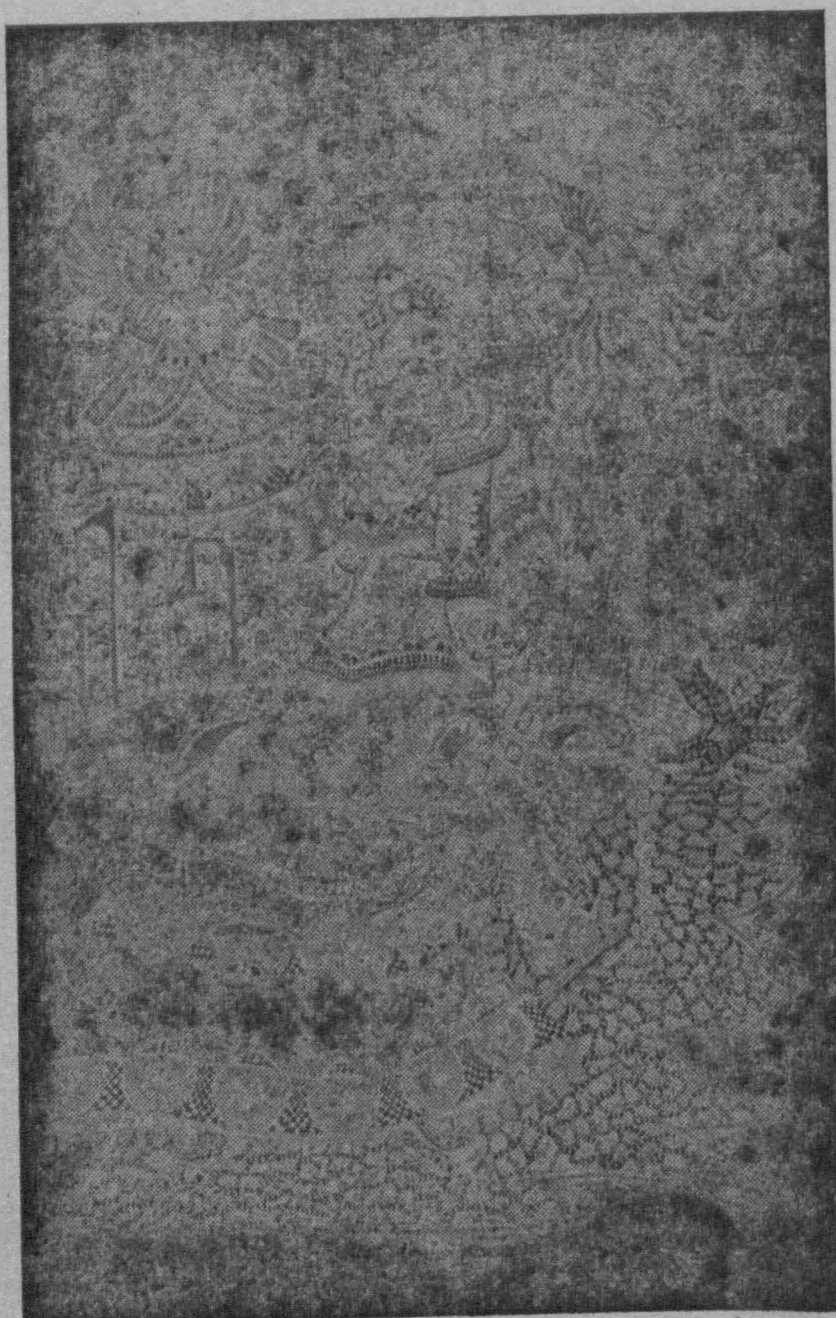
— Nem uma coisa nem outra. Na vida só se é feliz quando se compreende não haver felicidade.

A vida tornara-se um fardo absurdo de se carregar. Por isso se embriagavam e sob uma aparência de loucos confundiam as lógicas, trocavam os sapatos e sentiam a necessidade de andar despidos. Recolhiam a lama que se entulhava à beira dos esgotos, colocavam-na no prato e ao cair da noite sorriam-na toda. Lá dentro suas alminhas cintilavam, qual diamantes.

Nada os faz recuar. São porcos, mas servem de alimento.

— Boa noite, Bernadete.
E dormiam em quartos separados.

DESENHO DE LULA GONZAGA



Onze engenheiros concluíram o II Curso de Especialização em Engenharia de Produção, do Centro de Tecnologia da Universidade Federal de Pernambuco. A cerimônia de entrega de diplomas realizou-se no auditório do Centro, dirigido pelo Prof. Rilson Rodrigues da Silva, nas presenças do Reitor Paulo Maciel, do Vice-Reitor Geraldo Lafayette, do Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, João Marques, do Coordenador do Curso Prof. Telmo Maciel, além de professores e convidados.

Os concluintes: Armando Manoel Ferreira Monteiro Areias, Carlos Alberto Rodrigues de Lucena, Cristovão Lúcio Toscano de Carvalho, Ebert Ribeiro Duarte, Edvaldo Gomes de Souza, Francisco Vital G. de Luna Freire, Iêdo Martins Moroni da Silveira, José Amilcar Tavares Pessoa de Mello, José Antonio Lopes Caúla, Miguel da S. Guimarães Filho.

Uma visão sobre a pós-graduação

O Professor Telmo Maciel, Coordenador dos Cursos de Aperfeiçoamento da Escola de Engenharia da UFPE, fez ampla análise, por ocasião da cerimônia de encerramento do Curso de Especialização em Engenharia de Produção, sobre o ensino de pós-graduação na Universidade brasileira, enfatizando a viabilidade dos programas mantidos pelo MEC, nessa área. As suas palavras:

"No princípio foi toda uma didática sobre o assunto. Preconizava eu o ensino de uma 'Engenharia Operacional'.

No centro de tudo se encontrava a valorização da praxis de operações (operações novas e/ou operações em curso).

Evocando um tipo especial de pesquisa — pois que há sempre um suporte de pesquisa para qualquer categoria de ensino — ali estava a Pesquisa Operacional.

Em termos concretos não tive logo maior chance, mas vi proliferarem, e com grande sucesso, iniciativas congêneres, no Rio, em São Paulo, e, depois, em outros Estados do Sul.

A somano se sobrepôs ao etymon, ou se quiserem, a semântica encobriu a etimologia.

Sob o nome de Engenharia Econômica, Engenharia de Produção, Engenharia Industrial, várias foram as formas empregadas para traduzir uma mesma essência original.

Hoje, de tal modo tudo isto se difundiu, que não precisarei dar explicações sobre o que seja um Programa de Tecnologia Gerencial de Produção.

Registremos algumas realizações, que dão testemunho de experiência:

— A nível de Graduação — implantação da "Opção Produção" — no antigo 5.º ano do Curso de Engenharia Civil.

— A nível de Aperfeiçoamento — um curso de Estatística, onde a disciplina fosse focalizada não apenas como um acervo de técnicas de levantamentos e técnicas de medidas, mas como regras de ação. Ainda, a nível de Aperfeiçoamento — um curso de Pesquisa Operacional, que sucedeu a vários outros, sob tópicos da disciplina, lançados, de início, a nível de Extensão.

— A nível de Especialização, um primeiro e agora o nosso recém-concluído Segundo Curso de Engenharia de Produção.

Recapitulemos. O Curso funcionou em dois semestres, diariamente, exceto aos sábados, das 18:00 às 21:00 horas, totalizando uma carga horária de 480 horas-aulas.

Convocando um Corpo Docente com nível de Mestrado, foram lecionadas, no primeiro período, disciplinas de Economia, Estatística e Administração, proporcionando a Engenheiros, conhecimentos de áreas profissionais afins.

Seguiram-se, no segundo período, as disciplinas de Pesquisa Operacional e de Planejamento e Controle de Produção.

Visando, sobretudo, atrair profissionais ligados à atividade empresarial, particularmente vinculados ao parque industrial da Região, predispostos a ascensão ao status de dirigentes — o Curso viu-se perfeitamente enquadrado no Segundo Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

É claro que visou também proporcionar capacitação de professores, inserindo-se, assim, nos objetivos do Programa Nacional de Capacitação de Instituições de Ensino Superior.

Sendo intrinsecamente amplável, o que se impõe no momento, em termos de qualificação acadêmica, é o patamar do Mestrado.

Agora se exigirá, para os que almejem a qualificação, ao lado da obrigatoriedade de Tese, mais algumas disciplinas, sem que se vá passar, de muito, o limiar das 540 horas-aulas.

Haverá, evidentemente, uma disciplina de "Tópicos Especiais de Engenharia de Produção", a créditos variáveis, a ser lecionada, em geral, por Professor Visitante.

As outras componentes disciplinares abordarão o "fator humano" e a "função ecológica", nas suas variáveis: meio ambiente, aspectos sociais e psicológicos e

"relações jurídicas", que tudo isto é indispensável à formação completa de um engenheiro dedicado a Tecnologia Gerencial de Produção.

Ainda uma outra inovação:

A nível de Especialização, o Programa é abrangente e poderá oferecer ao mercado de trabalho da Região Nordeste, respeitando as Regulamentações Profissionais, além de Engenheiros de Produção, nas várias modalidades de Engenharia, Administradores de Produção, Economistas de Produção e Estatísticos de Produção.

A área de Administração poderá se expandir até o Mestrado e é claro que haverá, também, uma disciplina de "Tópicos Especiais de Administração da Produção", a créditos variáveis.

No que diz respeito às áreas de Economia e Estatística, para as quais na Universidade já existem Mestrado, o Programa proporcionará candidatos potenciais, portadores de Especialização, aprovados por conseguinte em disciplinas que poderão vir a ser, até, acatadas em termos de créditos, por esses Mestrados — a juízo de suas Coordenadorias e à luz de seus próprios esquemas curriculares.

Aliás, o Programa viabiliza articulações com outros programas congêneres, nacionais ou estrangeiros, à base de convênios que reconheçam reciprocidades de créditos.

Este procedimento já foi experimentado e é válido em qualquer programa integrado e de propósitos múltiplos.

Vale lembrar a revitalização do Convênio "Coordenadoria do Programa de Pós-Graduação em Engenharia da U.F.R.J. com a UFPE" e a perspectiva do Convênio: "Oklahoma State University/Cia. de Eletricidade de Pernambuco/Universidade Federal de Pernambuco".



Engenharia de Produção conta com especialista

Concluinte analisa aspectos do ensino da Engenharia no Brasil

— A maioria dos engenheiros que trabalham no parque industrial brasileiro não adquiriu o treinamento adequado às tarefas a que se propõem, em consequência da má qualidade do ensino de graduação, principalmente quanto a métodos e medidas de trabalho.

A opinião é do engenheiro Marcos Roberto Martins Mohon, formulada durante a cerimônia de encerramento do II Curso de Especialização em Engenharia de Produção, realizado na Escola de Engenharia da UFPE, sob a coordenação do Professor Telmo Frederico do Rego Maciel.

O orador da turma destacou a validade e o alto nível do Curso. Fez uma análise sucinta sobre as deficiências que ainda caracterizam o ensino de graduação, o que resulta no oferecimento de profissionais ao mercado de trabalho sem habilidades suficientes para um melhor desempenho funcional, principalmente com relação à Engenharia de Produção: faltam-lhes noções básicas quanto à seleção dos processos de manufatura, capazes de contribuir para melhorar a essência do produto, reduzir o custo da manufatura ou aumentar o seu volume.

A história desta disciplina — Engenharia de Produção — remonta ao século XVIII, com Adam Smith. Os avanços tecnológicos do início deste século, como luz elétrica, telefonia, cinema, fonografia, rápidos meios de transporte, propiciaram o desenvolvimento tecnológico em toda arte, a partir de Henry Ford, que implantou a produção em massa e Frederick Taylor, que idealizava as normas de fabricação de peças disciplinando a seqüência operacional e iniciando o condicionamento do homem à máquina.

O orador referiu-se ao controle estatístico de qualidade, feito por Walter Shewart, em 1931 e, em 1934, ao uso da amostragem do trabalho introduzido por Charles Tippet.

O ciclo inteiro das etapas da produção, não somente na sofisticação das máquinas mas nos recursos humanos e na proteção que se deve dispensar aos fatores ambientais, a fim de possibilitar o bem-estar do trabalhador para que o conjunto homem-máquina se ajuste em racional equilíbrio, foi detalhadamente exposto pelo orador.

Em seguida, disse o engenheiro Marcos Roberto Martins Mahon, "quero, em nome de todos os meus companheiros, abrir um parêntese, para elogiar a visão e a capacidade do Professor Telmo Frederico do Rego Maciel, que não mediu esforços no decorrer do curso, enfrentando falhas e superando dificuldades, com admirável obstinação, contagiando a nós outros, seus alunos, transmitindo-nos sua sabedoria, que por certo irá nos obrigar a difundir, dentro de nosso ambiente de trabalho, os ensinamentos aqui adquiridos". Agradeceu aos professores, aos empresários, aos familiares e amigos, pelo incentivo que ele e seus companheiros de turma receberam durante o Curso.

"Que Deus todo poderoso ilumine a todos nós, mestres e alunos, no caminho difícil do trabalho honesto e da dignidade profissional, para o bem desta grande Pátria que nos viu nascer".

Prêmio da ABO estimula odontólogos

A Academia Brasileira de Odontologia instituiu o "Prêmio Jayne Filgueiras", com o objetivo de estimular o estudo e a pesquisa no campo odontológico, conscientizar os profissionais da categoria quanto à sua posição e papel no desenvolvimento das ciências da saúde, divulgar atividades científicas e profissionais que se desenvolvam no País.

O Prêmio destina-se ao melhor trabalho científico, de ciência pura ou aplicada, desenvolvido e apresentado por cirurgião-dentista, versando sobre tema relacionado com a Odontologia. Ao Prêmio corresponderá um diploma de mérito, e importância de Cr\$ 10.000,00. Terá caráter anual, devendo ser entregue por ocasião da sessão solene de aniversário da Academia Brasileira de Odontologia, a 25 de outubro.

Poderão concorrer trabalhos inéditos de autoria de cirurgião-dentista brasileiro, só ou em colaboração com outrem, desde que em pleno gozo de seus direitos profissionais. Deverão ser datilografados em três vias, sem timbre e sem identificação do autor (es), obedecendo às normas de redação estipuladas pela ABNT.

Os trabalhos serão encaminhados a uma comissão julgadora designada pelo presidente da ABO, sendo protocolados em sequência numérica contínua, eliminando-se qualquer forma de identificação. Nenhum trabalho será devolvido ao autor.

Professor José Barbosa ingressa na Academia



O Professor José Barbosa de Oliveira Filho, Coordenador da Pós-Graduação da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Pernambuco, integra agora a Academia Brasileira de Odontologia (sede no Rio de Janeiro). Ele foi empossado na Cadeira 19, em solenidade que fez parte da 1.ª Convenção Brasileira de Endodontia e 11.ª Semana de Profilaxia Periodontal do Recife, recentemente.

Para ingressar na Academia Brasileira de Odontologia o candidato apresenta uma monografia e o curriculum vitae, os quais

são submetidos ao julgamento de uma comissão designada pela Presidência da entidade. No caso do Professor José Barbosa, houve unanimidade quanto ao seu ingresso.

CONGRATULAÇÕES

Voto de congratulações ao Professor José Barbosa foi aprovado pelo Conselho Universitário da UFPE, em face do seu ingresso naquela Academia.

Abaixo o chauvinismo! Mulheres na Academia

— Geralmente, me apontam, e à Academia, como inimigos da mulher. Eu até gosto muito da mulher, sabe? Sexta-feira passada setenta e cinco mulheres vieram me visitar e sentaram-se em nossas cadeiras, eu até falei para elas. Mas elas não podem ser mortais. É uma questão de norma. Eu acho que, mesmo que no futuro elas possam se candidatar, vai ser muito difícil entrar mulher na Academia.

Com estas declarações, prestadas em julho passado ao semanário *Opinião*, o Imortal Austregálio de Athayde, presidente da Academia Brasileira de Letras, parecia opor um entrave definitivo a uma maquiavélica, bizantina questão: a mulher vai ou não ter acesso à Academia? O problema tomou vulto após a colocação da primeira laje daquela que, dentro em breve, será a futura sede da veneranda instituição. Pois, agora, com o financiamento da Caixa Econômica Federal e projeto do arquiteto Maurício Roberto, a ABL ganhará novas e suntuosas instalações. Serão 32 andares — o mais alto prédio privado do Rio — com 1800 m² por andar, totalizando 54 mil m² de construção. Mais de 200 milhões de cruzeiros serão necessários para a concretização deste velho sonho dos acadêmicos.

Clube do Bolinha

Contudo, três meses depois, na presença da escritora Maria José de Queiroz, ainda inédita, e maravilhosos com um lanche composto de bolo de flocos, biscoitos dourados, suco de caju, chá e leite, 24 membros da Academia — os outros dezesseis faltarão à sessão — aprovaram por unanimidade a admissão das mu-

lheres na casa de Machado de Assis.

A proposta de admissão fora feita em abril último pelo acadêmico Osvaldo Orico, mas em seguida modificada através de uma emenda de Hermes Lima. No início de setembro, mais uma vez, o persistente Orico avançou tanto a ponto de conseguir 26 adesões à causa das mulheres. Ao ser aberta a sessão, ele entregou seus preciosos votos em envelopes fechados ao presidente da ABL. Os votos não chegaram sequer a ser contados. "É uma idéia inviável e inconveniente", replicou o acadêmico Pedro Calmon. "Se as mulheres lá causam tanta confusão, agora, imaginem quando entrarem", ecoou Genolino Amedo. Mas as mulheres contavam com ilustres simpatizantes. Odilo Costa Filho e Antônio Houaiss, por exemplo, pediam insistentemente a contagem dos votos, enquanto o revoltado Aurélio Buarque de Holanda, também do lado delas, abandonava a sala de maneira estrepitosa. O presidente adiou a votação. E, indignado, Orico declarou: "O presidente da Academia só gosta de mulher nua. Mulher vestida de predadoras literárias não entra nesta casa". Era o mesmo que chamar a ABL de Clube do Bolinha.

O que acham as mulheres

Há seis anos atrás, a escritora Dinah Silveira de Queiroz enviara uma carta a Austregálio de Athayde manifestando seu desejo de candidatar-se a uma vaga. Ela explicou melhor: "Mas eu não pretendia lançar realmente minha candidatura. Apenas queria iniciar um movimento em favor da possibilidade de as mulheres serem membros da Academia".

A escritora, que mora em Brasília e pertence à Academia Brasileira de Letras, aponta alguns dos motivos que levaram a ABL a não aceitar mulheres em seus quadros: "Acho que a Academia segue o modelo de sua congênere francesa, que teve com o cardinal Richelieu as suas únicas salas. E sei que, quando se elege um novo acadêmico, é levada em consideração a simpatia do candidato, porque, afinal, na ABL, com suas cadeiras vitalícias, convive-se até o fim da vida".

Outras mulheres escritoras, porém, estão se mostrando mais ou menos arredias à perspectiva acadêmica. Rachel de Queiroz, por exemplo, acredita que jamais concorrerá, "por falta de espírito competitivo".

A paulista Lígia Fagundes Teles também não demonstra interesse. Diz que, por enquanto, está pensando só no seu trabalho. E conclui: "Mas acredito que nenhuma porta pode estar fechada para a mulher, atualmente. Na época em que a ABL foi fundada, era diferente, não havia escritoras suficientemente afiadas para se pensar numa competição com os homens".

Mas a opinião mais contundente ficou por conta de Adélia Prado, mineira de Divinópolis, autora de *Bagagem*, livro de poesias muito elogiado pela crítica brasileira. Afirma Adélia Prado: "A mim, pessoalmente, a Academia não apela como chance de suprema glorificação literária. Uma entidade que permitisse meu ingresso como uma concessão não me daria apetite. Quanto mais honra. Nos negócios humanos não se deveria falar de concessões, mas de direitos. Reconheço que homens

e mulheres têm o direito de reunir-se em entidades exclusivas para o seu sexo. Mas, quando se faz orientada pela mentalidade cancerosa que julga o excluído inferior como pessoa, está de início viciada".

Antiga lenga-lenga

Não é de agora que as mulheres bagunçam o coreto da ABL. Já na década de 30, os acadêmicos Clóvis Beviláqua e Afonso Celso travaram intensos debates em torno do assunto. No entanto, ambos estavam voltados para interesses puramente pessoais. Beviláqua queria introduzir na Academia sua mulher, Amélia, enquanto Celso desejava ferozmente a imortalidade de sua filha Maria Eugênia. Contudo, examinando pormenorizadamente a questão, Beviláqua verificou que o artigo 2.º dos estatutos da casa determinava que poderiam ser imortais, e sem exceção, "todos os brasileiros" que porventura tivessem publicado obra de reconhecido mérito em qualquer dos gêneros literários. E Beviláqua concluiu: "Se os estatutos não proibem, permitem".

Misoginia

Em 1970, Raymundo Magalhães Júnior leu em plenário uma virulenta diatribe contra os adversários da entrada das mulheres na ABL. Chamou-os, inclusive, de "velhos misóginos". Agora, porém, com a mulher na Academia, os acadêmicos terão o prazer de verificar que elas são, no mínimo, expertes em questões de chás, sucos e bolinhos. E, em seguida, quem sabe se não depalearão com alguma maravilhosa obra de autor feminino. Tudo é possível.

Doutorando também recebe distinção

Os estudantes que tenham apresentado aproveitamento integral no curso de Odontologia, com soma das notas finais, inclusive prática e teórica, frequência e vocação profissional, ao cabo do último período letivo (por ocasião da colação de grau) serão distinguidos com o Mérito Estudantil instituído pela Academia Brasileira de Odontologia.

O Mérito tem os seguintes característicos: **anverso** — no campo, em relevo, o busto do Acadêmico Professor Cláudio Melo, Patrono da distinção, encimado pelo seu nome; **reverso** — os dizeres Mérito Estudantil — 1.º lugar no curso de Odontologia. Acompanha o Mérito um diploma que terá os dizeres e características de terminados pela Comissão do Mérito, constituída de cinco membros escolhidos pelo presidente da ABO.

Só serão outorgados os prêmios aos alunos cujas Faculdades tenham enviado, até o período máximo de 15 dias antes da data de formatura, o nome do agraciado e o respectivo certificado de aproveitamento escolar. Cabe às Faculdades a escolha, no decorrer dos períodos letivos, do melhor aluno.

Professores se reunirão em Fortaleza

O V Encontro Nacional de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa será realizado em Fortaleza, no próximo ano, conforme ficou decidido durante o IV Encontro recentemente promovido em Curitiba, no qual foram amplamente discutidos temas importantes sobre os diversos aspectos relacionados com a matéria.

O único representante da Universidade Federal de Pernambuco no IV Encontro, Professor Joel Pontes, foi distinguido, ao lado dos Professores Soares Amorim, Hélio Simões e Massaud Moisés, com a Medalha de Mérito Literário e Linguístico.

TEMAS

Os temas discutidos no IV Encontro: Pós-Graduação em Literatura Portuguesa; Panorama da Literatura Portuguesa atual; A Literatura Portuguesa perante as Realidades Contextuais do Afro-Brasileiro; Literatura Portuguesa e as Novas Orientações Críticas.

Aspectos positivos e negativos — sendo que os primeiros pesam mais — podem ser destacados no Campeonato Nacional de Clubes. O fator integração, por exemplo, é um dos pontos altos, dele advindo uma série de vantagens para o esporte "bretão": o medo desapareceu; os valores de cada região passaram a ser vistos em termos nacionais; novos estádios foram construídos; a maioria dos clubes procurou se organizar melhor quanto a estrutura e administração, entre outros pontos.

Campeonato Nacional: fim da tremedeira, desmascaramento dos falsos ídolos e o conagraçamento dos clubes

Quem não se lembra do ambiente que cercava a chegada de um Santos, Palmeiras, Flamengo, etc., ao Recife — tal como acontecia em outras praças do Norte e Nordeste —, antes da implantação do Campeonato Nacional (antiga Copa Brasil) e durante os primeiros anos de realização do maior certame interclubes do mundo? Era indistintamente, um grande acontecimento a presença de um desses clubes, cujos ídolos chamavam para si as atenções de toda a comunidade — desportiva ou não.

Certamente que a promoção que se fazia em torno do assunto, através dos meios de comunicação social, era, guardadas as proporções, exagerada, sobretudo o endeusamento dos verdadeiros — e estes sempre foram poucos — e dos falsos ídolos. Contribuiu, com efeito, para amedrontar os jogadores da casa, que se viam como inferiores ao adversário visitante, o que lhes trazia reflexos negativos, dentro das quatro linhas, do ponto de vista emocional e psicológico.

Com a inclusão de novos clubes do Norte e Nordeste — no início o predomínio, em termos de quantidade, além de outros privilégios, era dispensado ao Rio e São Paulo — o Campeonato Nacional tornou-se mesmo uma promoção grandiosa, integrando os mais longínquos recantos do imenso território nacional. E o medo desapareceu: os jogadores do Norte e Nordeste foram compreendendo que eram iguais — e al-

guns chegaram, como ainda ocorre, a superar os falsos ídolos do futebol do Rio e São Paulo. Hoje, a presença de um Santos, Palmeiras, Flamengo, no Recife, por exemplo, sem deixar de ser uma satisfação para os pernambucanos recebê-los, como a outros visitantes da própria Região e de outras partes do Brasil, não amedron-

ta mais os nossos representantes no grande certame, os os quais disputam os pontos de igual para igual, chegando às vezes a superar os chamados grandes do futebol nacional.

E novos valores foram e continuam sendo revelados, no Norte e Nordeste, além de outros centros, para os olhos da grande platéia na-

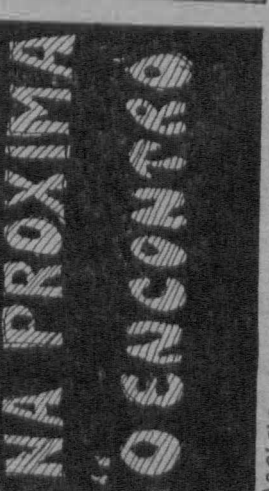
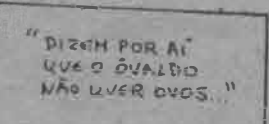
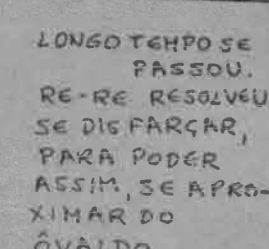
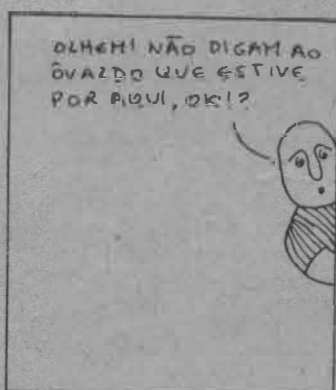
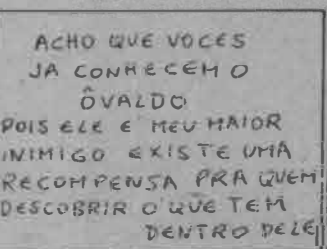
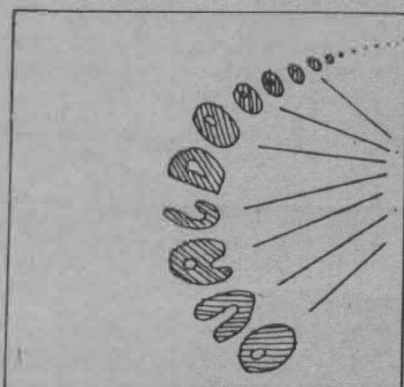
cional, que assiste simultaneamente pela televisão às grandes partidas de futebol. Aspecto que merece um capítulo à parte, posto que o fenômeno da integração não seria possível sem a contribuição larga e efetiva da televisão. Então, craques dos times considerados menores foram aparecendo e, hoje, a Seleção Brasileira já não po-

de ser constituída sem que antes os seus organizadores façam uma avaliação cuidadosa sobre jogadores do Norte e Nordeste — e o Givanildo (ex-Santa Cruz), o Marinho (ex-Clube Náutico Capibaribe), sem se falar nos vários jogadores que são convocados para a Seleção Brasileira de Amadores — são exemplos. A construção de

novos estádios passou a ser uma preocupação também da maioria dos Estados brasileiros, tendo em vista a dimensão do próprio Campeonato Nacional, dentro da perspectiva de obtenção de rendas compensadoras e de reunir verdadeiras multidões em torno das disputas entre os melhores clubes do futebol brasileiro. Em alguns casos houve exagero, construindo-se até dois estádios, como é o caso da Paraíba — um em João Pessoa e outro em Campina Grande — em detrimento de outras obras de igual ou maior alcance social. Mas, de um modo geral, foram iniciativas que resultaram positivamente, passando inclusive a ensejar nova fonte de divisas para as Federações de Futebol de cada Estado, além de aspectos turísticos, etc.

Obrigaram-se, consequentemente, os clubes a se organizar melhor, quer na parte técnica, quer na administrativa, contratando valores de outras praças e ao mesmo tempo fazendo grandes transações financeiras com a venda de jogadores consagrados para clubes de maior poderio econômico-financeiro. Estabeleceu-se, pois, um mercado nacional, tanto para jogadores como para os seus preparadores — fisicultores e técnicos. Enfim, o Campeonato Nacional é, inidubitalmente, a grande festa do futebol, devidamente incluída no calendário esportivo dos hoje mais de cem milhões de habitantes do País continente.

OVALDO



APRILIO-76

8 ou 800

CULTURA & DINHEIRO

O apresentador é o tradicional mestre-de-cerimônias. Seu papel é o de mediador, de "gatekeeper" e o cumprimento do exercício dramático é complexo, isto é, ele tem que ser aquele que sabe — sabe até mais do que o candidato (tem as fichas na mão), estando ali para verificar os conhecimentos daquele — e ser ao mesmo tempo o que não sabe:

Outro integrante da narrativa é a figura da secretária. É a figura que enfeita, adorna o programa. Ela não tem que saber nada. É apenas a etiqueta (do society para a TV) e eventualmente a ênfase. Faz também as perguntinhas particulares, íntimas, curiosas e descontraídas, que servirão para facilitar o contato entrevistados/público, tais como qual o animal mais perigoso, o homem ou a formiga? Ou ainda, para a candidata pianista, ser mulher atrapalha sua carreira? E o "human touch", que servirá para dar equilíbrio às duas categorias das quais o entrevistado é portador: a de especialista e a de anônimo. E esta última deverá ser explorada, pois é a categoria que

abrange o público. Desta forma será tentado o ambiente familiar, tanto na procura de anedotas fúteis como na tentativa do diálogo.

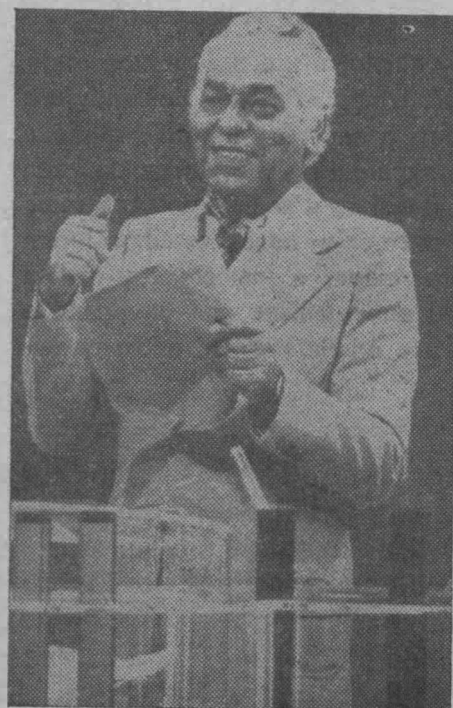
No 8 ou 800, quem tem cultura ganha dinheiro, quem não tem ganha cultura. Para os que bancam o jogo, só uma palavra interessa: absolutamente certo".

"A Olimpíada da Cultura na TV" é o título de um bom trabalho dos jornalistas Demerval Coutinho Netto e Delfim Afonso Jr., publicado no semanário Opinião, sobre o programa da TV Globo 8 ou 800. O artigo, muito elucidativo sob alguns pontos de vistas, mostra que a chamada imprensa alternativa não deixa de ser

tem que representar o público no palco, emocionar-se com ele, aprender junto com ele. Entre suas funções secundárias está a de pai dos candidatos: deve ajudá-los ao máximo, para amenizar a relação opressor/oprimido, uma das oposições também presentes na cena, e, em última instância, favorecer o público e dar seguimento à estória.

uma opção deveras valiosa para o jornalismo brasileiro. Reproduzimos, nesta nossa edição, algumas de suas conclusões:

"A estrutura do programa 8 ou 800 está montada de forma a reproduzir nos termos da indústria cultural algumas fórmulas já consagradas pelo sistema de ensino. Deste modo, temos aí a velha oposição entre as partes envolvidas no processo, isto é, de um lado aquele que sabe, do outro, aquele que não sabe. O entrevistado é aquele que detém o conhecimento, e sua função, sua missão, é passá-lo adiante. O público é aquele que busca ansiosamente o conhecimento, encontrando-se, portanto, em estado de inferioridade,



de ignorância mesmo. Este antagonismo pode ser resolvido passo a passo, na medida em que o conhecimento for sendo transferido. Outro aspecto importante é o da divisão em etapas. Uma espécie de cronograma de aprendizagem, onde as questões vão ficando cada vez mais difíceis e o conceito de cultura estará sendo associado ao de acúmulo de conhecimentos. Um componente essencial desse modelo pedagógico é, sem dúvida, a figura do especialista. Os candidatos são apresentados e reconhecidos pelo público como especialistas em seus respectivos assuntos, o que confere legitimidade à formação, e um correspondente estatuto de produto cultural".

JOSÉ CARLOS TARGINO

Menos Xica da Silva

Xica da Silva, de Carlos Diegues, foi tão incensado, maravilhou de tal maneira a 90% da crítica cinematográfica tupiniquim, que chega a ser temerário concluir que o filme não é o que quase todos pensam. Mas muito mais temerário, porém, é assegurar que o filme confirma inteiramente a opinião quase unânime daqueles que o viram. Enfim, guardadas as devidas proporções, o que vem a ser Xica da Silva? Um ovo de Colombo na cinematografia nacional? Ou um retumbante, doloroso fracasso na filmografia do diretor de Os Herdeiros? Uma sereia capaz de recrutar adeptos até nas hostes dos mais exigentes? Ou um pigmeu infame, de pernas tortas e rosto deformado?

Antes de tudo, Xica da Silva é um ensaio cinematográfico sobre o hábito brasileiro de não costumar levar as coisas a sério. Talvez seja esta constatação a sua maior virtude. Seu maior defeito, por outro lado, consiste em não aprofundar corretamente as óbvias implicações decorrentes do seu posicionamento. Por exemplo: os negros brasileiros não são tão sem-vergonhas como Diegues quer fazer crer.

Pois é exatamente o que o diretor quer que a gente pense de, entre outros personagens negros, Xica da Silva. E mais: nenhum artista deve ficar obsessivamente preocupado com a possibilidade de, por causa desta ou daquela obra, ser chamado de elitista. Pois Carlos Diegues, ao focalizar um dos mais famosos personagens de nossa história colonial, quase confecciona uma paródia de inconsequente fundo folclórico.

Muitos anos antes, Joaquim Pedro de Andrade dirigira Garrincha, Alegria do Povo encarando frontalmente um tema ultra popular, e acabou por realizar uma autêntica obra-prima do chamado Cinema Novo. Mas Xica da Silva não é um mau filme. Pois só a presença gratificante de Zezé Mota bastaria para justificar o enorme sucesso de público alcançado pelo trabalho de Diegues.

Mais Lição de Amor

Não há nenhuma crítica óbvia ou demagógico-populista em Lição de Amor, primeiro longa-metragem do jovem Eduardo Escorel, baseado num romance do modernista Mário de Andrade. De Amar, Verbo Intransitivo, o romance, Escorel aproveitou apenas o essencial, ou seja, o mecanismo pelo qual uma célula familiar burguesa é capaz de estabelecer o seu império, deixando

entrever sua força real e sua pretensa seriedade. Lição de Amor é um exemplo singular e solitário dentro do panorama atual do cinema brasileiro. Filme belíssimo, possui importância fundamental na história deste cinema.

O diretor mostra a íntima relação entre o culto burguês da aparência e a perpetuação da burguesia enquanto classe e prática ideológica. As câmaras percorrem longa e silenciosamente o que ocorre dentro e fora da casa: a limpeza, a ordem, o branco, as escovas, os pentes, as panelas brilhando, as rendas, as toalhas, as pratarias, o chá tomado com o máximo de elegância, a disciplina, o jardim bem cuidado, o conforto, as roupas engomadas.

Lição de Amor é um dos quatro ou cinco filmes brasileiros de categoria internacional. Sua mise-en-scène é de uma maravilhosa perfeição. É de uma relevância a toda prova a refletida, percussiva descrição do ambiente onde ocorrem os acontecimentos. Há um magnífico ritual de planos e movimentos de câmara. Lilian Lemmertz, a governanta alemã, é uma intérprete inigualável; o décor, armado por Anísio Medeiros, é algo de raro entre nós.



Folclore

Angela Delouche

O folclore nasce, vive e se afirma nos meios rudimentares, mas está longe de se confinar nesses limites, ascende à sociedade, onde se manifesta em plenitude, ainda que diminuída sua capacidade criadora.

M. de Lourdes Borges Ribeiro

Um cabra da peste

Cabra da Peste, Cabra de Peia ou Cabra da Rede Rasgada, são expressões — mais carinhosas do que desaforadas — que no Nordeste são atribuídas a vaqueiros, aguardenteiros, trabalhadores do eito mas também a desabusados

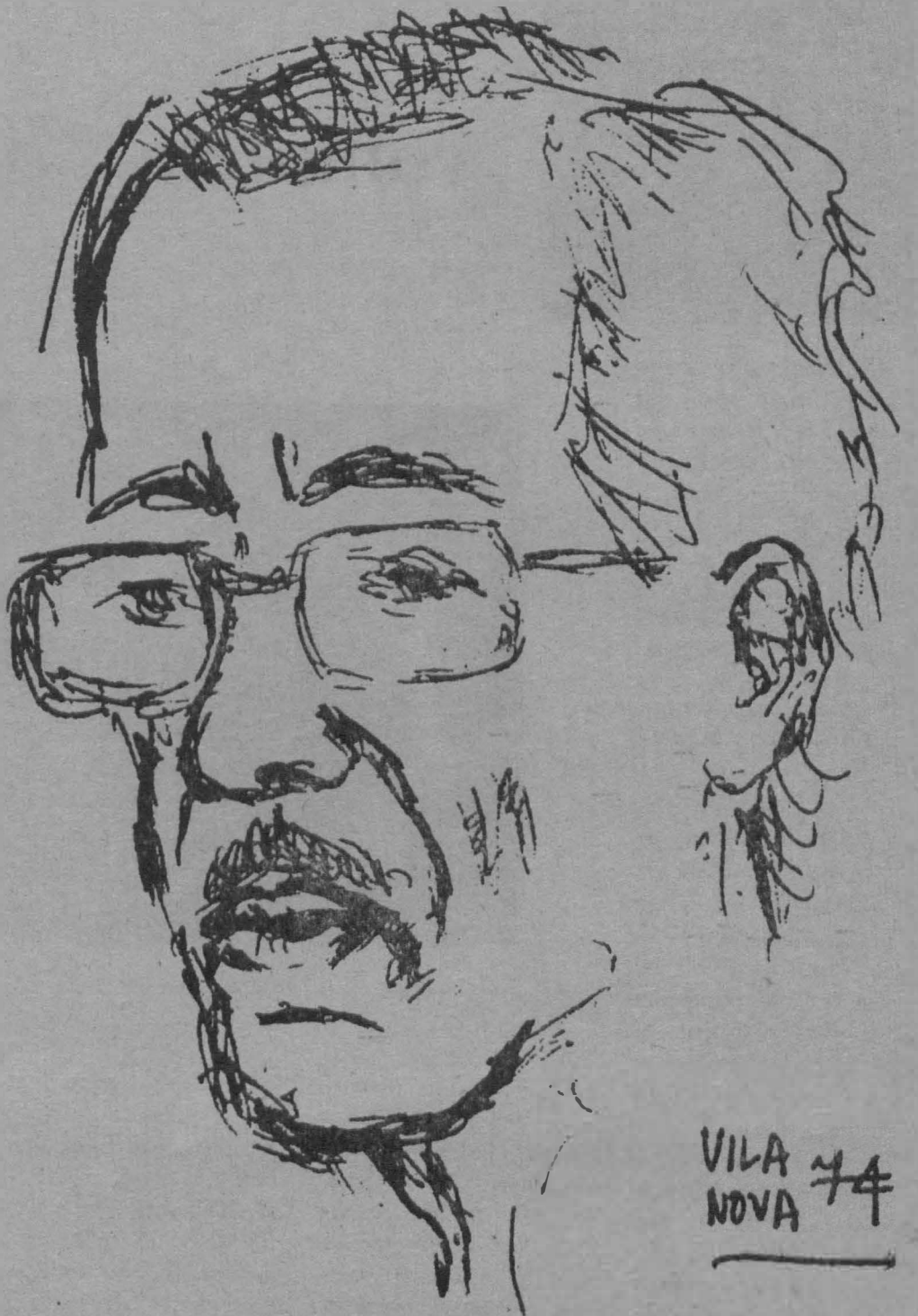
Mário Souto Maior, em seu livro "Como nasce um Cabra da Peste", ocupa-se do nordestino pobre, da zona rural e de todo o cerimonial de crenças e práticas ancestrais que cercam o nascimento das crianças a começar dos primeiros sinais que sente a mulher grávida, dos "desejos" insólitos que sente; o sexo, o enxoval e o resguardo. Para se saber o sexo do filho em gestação "a futura mãe leva ao fogo, para

cozinhar, o coração de uma galinha, tendo antes o cuidado de abrir-lhe uma das extremidades. Se depois de cozido, o coração se conservar aberto, a criança será do sexo feminino; se se fechar — não haverá mais dúvida: nascerá um menino". Se o feto for muito bulhoso no ventre da mãe será menino, com toda a certeza, o que não acontecerá se não existir quase movimentação: nascerá uma menina. Menino usará a cor azul, menina cor de rosa.

No dia da mulher "descansar", o marido vai preparando o "cachimbo", que é uma mistura bem dosada de mel de abelha e aguardente de cabeça, a fim de oferecer aos que vêm visitar o novo herdeiro. O "cachimbo", para ficar gostoso, deve ser bem curtido e precisa ser preparado com certa antecedência. A etiqueta manda que, ao ingerir a dose, se faça uma pequena careta seguida do clássico pigarro. As mulheres, então, exageram mais na careta e nas risadas, demonstrando que a bebida estava forte e gostosa.

A canja de galinha arrepiada é prato indispensável à gestante e, na alegria, o cheiro bom de alfazema, colocada sobre brasas numa lata vazia de doce ou quenga de côco debaixo da cama. Antes, o menino é defumado, ocasião em que se diz, quando a fumaça envolve seu corpo: "Nossa Senhora passou seu filho para cheirar. Boto o meu para ser feliz".

E por aí vai o prosador leve e ágil que é Mário Souto Maior, agora movimentando o departamento de Antropologia do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais com publicações mensais sobre assuntos do nosso folclore, ele mesmo um estudioso de nossos usos e costumes, como se pode ver por este delicioso "Como Nasce um Cabra da Peste".



Mário Souto Maior

O jogo do Pião

O pião é um pequeno objeto feito de madeira, tendo na ponta um prego ou ferrão. Um cordão (ou ponteira) é cuidadosamente enrolado da ponta ao corpo do pião e é este que, ao desenrolar-se, dá o impulso que faz o pião rodopiar.

Alceu Maynard A-

raújo afirma que este jogo vem de remotos tempos. Na Grécia denominava-se strombos e em Roma turbo. Câmara Cascudo, em seu Dicionário do Folclore Brasileiro, refere-se à antiguidade desse jogo, lembrando que aparecem modelos de pião na civiliza-

ção micênica (Coleção de Schliemann).

É jogo conhecido em todo o Brasil. Em geral, aqui no Nordeste nós o denominamos de pinhão.

A idade dos jogadores de pinhão atinge a faixa dos 8 aos 14 anos e tanto jogam os filhos dos ri-

cos como os meninos dos mocambos. É brinquedo de meninos; eles costumam pintar de vermelho os seus pinhões, que são feitos, preferentemente, de raiz de goiabeira (por ser duríssima), fruteira que se encontra de norte a sul do País.

pinhão. Ao perder a aposta, é obrigado a pagar com um objeto e, no caso de não ter outro, vê-se compelido a entregar o seu próprio pinhão.

Antigamente o pinhão tinha origem doméstica (hoje está industrializado). O pai repetia a prática que seu pai usara quando ele fora menino. A perfeição dependia do artifice. Assim havia peças rústicas e outras muito bem acabadas, dependendo do jeito e do amor que o pai empregou na sua confecção.

O Pião

O pinhão — como nós pronunciamos no Nordeste — aparece nas adivinhas. Eis uma, portuguesa, colhida por Teófilo Braga e relacionada por Câmara Cascudo:

Para andar lhe pus a capa
E tirei-lha para andar
Que sem capa não anda
Nem com ela pode andar,
Com capa não dança,
sem capa não pode dançar,
Para dançar se bota a capa,
Tira-se a capa para dançar.

A capa é o cordel que aciona o pinhão. Leonardo Mota em Cantares registrou um desafio entre Jerônimo de Junqueira e Zefinha do Chabocão:

Gerome, tu pra cantar
Fizeste pauta c'o cão ..
Que é o passo que tem
Nos altos do teu sertão
Que dança só enrolado
E sorto não dança não.
Dança uma dança firmada
C'um pá sentado no chão.

Zefinha eu lhe digo o passo
Que tem lá no meu sertão,
Que dança só enrolado
e sorto não dança não.
Dança uma dança firmada
C'um pá sentado no chão:
É folguedo de menino
É carrapeta ou pinhão.

RODA PINHÃO

O jogo consiste em atirar o pinhão ao solo — ocasião em que se desenrola a ponteira — ele então começa a girar, sendo aparado na palma da mão, onde ronca ou dorme. A duração do giro denota a classe do jogador.

Quando há jogo de conjunto, entra a disputa. Forma-se a roda dos torcedores. É delimitado o campo onde o jogador é obrigado a atirar o seu



Americano Batista completa 70 anos

O Colégio Americano Batista completou, em janeiro de 1975, seus 70 anos de existência. No início do século, o Dr. W. H. Canadá ministrava umas aulas num casebre perto da Igreja Batista do Recife. O próprio W. H. Canadá dirigia a escola. Mas, em seguida, um frade, José Piani, dava uma decisiva colaboração. Ambos obtiveram um antigo prédio de esquina no aristocrático bairro de Manguinhos, na praça do Amorim, e, na histórica manhã de 15 de janeiro de 1906, fundaram o Americano Batista — que, por sinal, começou com o nome de Colégio Gilreath.

O colégio possuía um pouco de tudo, menos alunos. Assim W. H. Canadá foi forçado a sair às ruas a fim de conseguir os alunos necessários ao funcionamento do Gilreath. Mesmo assim, logo após a saída de W. H. Canadá, a sobrevivência do colégio ficou subitamente ameaçada. Corria o ano de 1907. Foi aí que surgiu o professor Alfredo Freyre, um liberal

culto e resoluto, disposto a fazer tudo para manter o colégio. O que conseguiu. Na realidade, Alfredo Freyre influiu favoravelmente na vida da instituição. Estava garantida a sobrevivência do futuro Americano Batista — hoje, um dos mais tradicionais e eficientes educandários da capital pernambucana.

Foi muito grande a influência exercida pelo Colégio Americano Batista, não só no sentido

educacional, mas também no sentido de atrair pessoas para o evangelho. Tanto que o Dr. H. H. Muirhead, que a partir de 1908 se tornou diretor do educandário, escreveu: "A escola já ganhou a confiança do povo e tem feito mais colocando o evangelho diante do público do que qualquer outro departamento".

Ao Colégio Americano Batista coube a iniciativa de fundar a primeira Escola Comercial

do norte do Brasil, bem como a organização da primeira Escola de Música do Recife.

Acredita-se que a contribuição que o Americano Batista tem dado para o desenvolvimento educacional brasileiro revela, sobretudo, a visão dos pioneiros batistas. Com a influência protestante no país, para a qual o Americano Batista contribuiu muito, o Colégio alcançou a sua justa e perfeita maioria.



Reitor cita Platão ao agradecer homenagens no 1.º ano de trabalho

— Há pessoas que se regosijam dos instantes e há outras para quem a memória é o fundamental, parecendo aceitar um ensinamento de Platão, segundo o qual "recordar é viver". Não me situo nem numa nem noutra posição quando se trata de comemorações pessoais, prefiro viver com os íntimos momentos que considero de interioridade, ou seja, de reflexão e prospecção. Aceito a imagem inserida em teoria musical, mas lembro que nas orquestras o maestro é um simples coordenador ao qual se deve, porém, exigir que evite o virtuosismo dos instrumentistas para que todos executem a pauta segundo a sensibilidade do regente.

As palavras são do Reitor Paulo Frederico do Rego Maciel, da Universidade Federal de Pernambuco, respondendo à saudação feita pelos professores Huy João Marques e Romeu Peréa, por ocasião das comemorações do primeiro ano do seu Reitorado.

Universidade: cultura e ética

Ao saudar o professor Paulo Maciel, o padre Romeu Peréa afirmou que este não desmentira jamais o sentimento de confiança que despertara naqueles que, há muito tempo, ansiavam por vê-lo no comando da Universidade Federal de Pernambuco. Afirmando que o Poder é comumente interpretado como sendo a faculdade de impor aos outros a própria vontade, "coagindo, mais de uma vez, a sua liberdade própria e pessoal" o padre Peréa ressalta que este tipo de governo não é nunca compatível com o temperamento e a formação do atual Reitor.

"E foi, justamente, essa vossa escolha a que levou todos nós ao profundo interesse e simpatia com que acompanhamos durante este primeiro ano da vossa gestão, a nobre e fidalga luta que sustenta a defesa de uma cultura verdadeiramente humana", disse o padre Peréa, dirigindo-se ao Magnífico Reitor.

Semelhante cultura, contudo, somente pode ser norteada pelo valor da verdade, "tendo como meio precioso a caridade que obriga a todos nós, reitores, professores e alunos, por ser um preceito do Senhor, Sabedoria do Pai e ideal de toda ciência a que o homem pode aspirar, nesta e na outra vida".

Assim, o verdadeiro fim da Universidade consiste na busca da Sabedoria. "Nasce daí", para o padre Romeu Peréa, "a sua única razão de ser, pois, todas as outras suas funções, variadas e múltiplas, vêm depois, como um acréscimo, como uma consequência desta, que é a primeira e deve ser a precípua".

Mas o padre Peréa faz uma ressalva. Quando se acredita que o fim último da Universidade deve ser ético, e ético o sentido que deve ser imprimido à sua cultura, "não se pretende afirmar que o fim da Universidade seja a cura das almas e a sua salvação".

"A salvação das almas é missão da Igreja, e esta não abre mão desse direito que é ao mesmo tempo, uma obrigação sagrada que recebeu de seu divino Fundador — missão que cumprirá até a consumação dos séculos, em que pese as falhas e deficiências dos homens que a dirigem e governam", proclama padre Peréa.

Concluindo, o padre Peréa afirmou que, ao cumprir uma parte de suas promessas com respeito à Universidade, o professor Paulo Maciel "revelou-se, logo no primeiro ano de seu exercício, verdadeiramente Magnífico — pela sua doutrina e pelo seu exemplo".

Cristianíssima ânsia

"Não se presume seja para proclamar os cometimentos e os feitos administrativos do Reitor Paulo Frederico do Rego Maciel que aqui me encontro. Cheio deles está seu Relatório que há de espantar os que o quiserem ler, regalando os amigos pela quantidade e pela qualidade de realizações e fazendo mordem-se de inveja e de raiva alguns poucos despeitados".

Assim teve início o elogio do professor Paulo Maciel feito pelo Pró-Reitor de Pós-Graduação e Intercâmbio Científico, Huy João Marques.

Comparando uma Universidade a uma "descomunial orquestra", e um Reitor ao seu regente, Huy João Marques assegurou que Paulo Maciel tem todas as qualidades para ser um grande Reitor: "Reitor moderno, Reitor arejado, Reitor para os nossos dias".

Para ele, uma das maiores qualidades do Reitor Paulo Maciel é acreditar nos seus auxiliares. "Sabe ouvir-lhes as opiniões, respeitá-las, confiar nelas".

Aludindo à experiência política do professor Maciel, afirma que ele não a assimilou no exercício dos conchavos partidários, tampouco no tumulto das campanhas eleitorais ou nas intrigas de bastidores do Congresso Nacional.

"Pensei que o conhecesse muito bem antes de chegar por aqui. Engano! Não o conheço bastante. Esta cristianíssima ânsia de fazer o bem, de servir, de ajudar, é qualquer coisa de extraordinariamente grande que, no meu caso, só o convívio diário veio revelar", confessa Huy João Marques.

"A esta altura de sua vida a UFPE está mesmo precisando, à sua frente, de um homem de tão larga visão no campo da cultura, de um humanista no mais exato e amplo sentido do termo, de alguém que fosse, como modernamente se chama, um generalista, isto é, um espírito universal ou, se me permitirem o aparente paradoxo, um especialista em muitos saberes", concluiu João Marques.



Estudantes da UFPE realizaram uma Feira de Artes — cerâmica, artesanato, quadros, etc. — durante três dias, no Centro de Artes. Foi uma oportunidade para que os jovens universitários estabelecessem momentos de convivência comunitária e ao mesmo tempo revelassem seus pendores artísticos. O Departamento de Extensão Cultural também se fez presente, expondo alguns dos seus quadros (artes plásticas), tapeçaria e cerâmica.